



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ROBERTO RUBENS DE JESUS COUTINHO**

**CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE  
COMO UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: RIACHÃO  
DO JACUÍPE (1986 – 2004).**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA  
2014**

**ROBERTO RUBENS DE JESUS COUTINHO**

**CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE COMO  
UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

**RIACHÃO DO JACUÍPE (1986 – 2004)**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Licenciatura em História sob orientação da professora Maria Cezarela Carvalho e co - orientação da professora Ms Jackeline Silva Lopes.

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA  
2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **ROBERTO RUBENS DE JESUS COUTINHO**

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a Conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia, Departamento de Educação, Campus XIV.

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Cezarela Carvalho (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Jackeline Silva Lopes (Co-orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

---

Prof. Antônio Villas Boas (Convidado)  
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Conceição do Coité – BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Força Superior a Quem muitas vezes busquei auxílio diante da correria.

A Pastoral da Juventude, pela grandiosa contribuição em minha formação humana, social e política.

Ao grupo de jovens Rabony.

Aos meus familiares, pais João Ribeiro e Angélica pela preocupação e amor dedicado. Meus irmãos Toinho e Reinildo (in memoriam). A minha companheira Carla e meu filho Levi pelo entendimento e paciência em meio a minha falta de tempo.

Aos colegas da turma 2007.2 e especialmente aos da turma de 2010.2, muito bom estar com vocês, sem esquecer o grupo de Riachão pelo acolhimento e amizade compartilhada.

Aos alunos que estiveram imbuídos no processo de estágio, pela recepção e motivação.

Aqueles que direta e indiretamente me ajudaram na busca de fontes para realização desta monografia.

Aos dez depoentes: Anete, Avelange, Edney, Elísio, Gil galego, Juci, Luzia, Marcos Edney, Roque e Vital, pelo excelente acolhimento e pelas informações fornecidas.

Ao colegiado de História na pessoa de Antônio Villas Boas, por tantas vezes em que precisei e fui bem recebido.

Aos professores do curso de História, pelo conhecimento compartilhado.

A professora de estágio, orientadora do primeiro e co – orientadora do segundo e terceiro capítulo, Jackeline S. Lopes, a quem admiro muito pelo exemplo de dedicação e responsabilidade pela educação. Serei eternamente grato pela força e incentivo.

A professora Cezarela Carvalho, por ter aceitado me orientar na fase final deste trabalho.

A todos os amigos e familiares.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar ações da Pastoral da Juventude na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe – BA e através da análise minuciosa das fontes (atas de reuniões do grupo jovem cristão DDD (1986 – 1996), jornal Folha da Conceição (2001 – 2002), pasta de cronograma do CAJ (Curso de aprofundamento para jovens), vídeos: III Encontro da PJ (1998), IV Encontro da PJ (1999), VIII Encontro da PJ (2003) e depoimentos orais.) apontar como ao longo da história (1986- 2004), a Pastoral da Juventude se constituiu como um espaço de educação não formal. No primeiro capítulo, são apontadas as características da educação não formal em diálogo com diferentes autores. No segundo capítulo é feita uma narrativa histórica da pastoral da juventude nacional e local, apontando suas ações ao longo do período analisado. No terceiro capítulo é feito um paralelo entre as características da educação não formal e as práticas da pastoral da juventude. De modo geral a expectativa é de atentar para a importância das práticas educativas não formais via as ações protagonizadas pela Pastoral da Juventude de Riachão do Jacuípe – BA.

**Palavras-chave:** Pastoral da Juventude. Educação não Formal. Ações.

## **ABSTRACT**

This work aims to study actions of youth ministry in the parish of Our Lady of the Conception of Riachão Jacuípe - BA and through a careful analysis of the sources (minutes of meetings of the youth group christian DDD (1986-1996), newspaper Folha da Conceição (2001 - 2002), timeline CAJ (Course deepening youth), video folder: III Encontro PJ (1998), IV Encontro PJ (1999), VIII Encontro PJ (2003) and oral testimony) point out how throughout history (1986 - 2004), the Youth Ministry was formed as a non-formal education space. In the first chapter, it presents the characteristics of non-formal education in dialogue with different authors. The second chapter is made a historical narrative of the ministry of national and local youth, pointing his actions over the period analyzed. The third chapter is made a parallel between the characteristics of non-formal education and practice of youth ministry. In general the expectation is to attend to the importance of non-formal educational practices via the actions spearheaded by the Ministry of Youth Riachão Jacuípe - BA.

**Keywords:** Youth Ministry. Non Formal Education. Actions.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: “UM PROCESSO COM VÁRIAS DIMENSÕES”</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE NACIONAL E LOCAL</b>	<b>28</b>
2.1- 1992- CONSOLIDAÇÃO DA PASTORAL DA JUVENTUDE LOCAL: SURGIMENTO DE NOVOS GRUPOS, CONFLITOS E O PROJETO MANDATO POPULAR EM 2004	49
<b>CAPÍTULO 3 PASTORAL DA JUVENTUDE: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>
<b>FONTES</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>85</b>

Nascemos num campo de futebol. Haverá berço melhor para dar luz a uma estrela? Aprendemos que os donos do país só nos ouviam, quando cessava o rumor da última máquina. Quando cantava o arame cortado da última cerca. Carregamos no peito, cada um, batalhas incontáveis. Somos a perigosa memória das lutas, projetamos a perigosa imagem do sonho. Nada causa mais horror a ordem do que homens e mulheres que sonham. Nós sonhamos e organizamos o sonho. Nascemos negros, nordestinos, nisseis, índios, mulheres, mulatas, meninas de todas as cores. Filhos, netos de italianos, alemães, árabes, judeus, portugueses, espanhóis, poloneses, tantos. Nascemos assim desiguais como todos os sonhos humanos. Fomos batizados na pia, na água dos rios, nos terreiros. Fomos ao nascer condenados a amar a diferença. Amar os diferentes viemos da margem. Somos a anti-sinfonia que estorna na estreita pauta da melodia. Não cabemos dentro da moldura. Somos dilacerados como todos os filhos da paixão. Briguentos. Desaforados. Unidos: livres como meninos de rua. Quando o inimigo não fustiga, inventamos nossas próprias guerras, desenvolvemos um talento prodigioso para elas. Com nossas mãos sonhos, desavenças, compomos um rosto de peão, uma voz rouca de peão, o desassombro dos peões, para oferecer ao país, para disputar o país. Por sua boca dissemos na fábrica, nos estádios, na praça que este país não tem mais donos.<sup>84</sup> viramos multidão. Inundamos as ruas. Somamos o nosso grito ao grito de todos. Depois gritamos sozinhos e choramos a derrota sobre as nossas bandeiras. 88: Como aprender a governar e desenhar em cada passo, em cada gesto, a cada dia, a vida nova que a nossa boca anunciou? 89: Encarnamos a tempestade. Assombrados pela vertigem dos ventos que desatamos. Venceu a solidez da mentira e do preconceito. Três anos depois pintamos a cara, como tantos e fomos à rua reinventar o arco-íris e a indignação. Dessa vez a fortaleza ruiu diante dos nossos olhos. E só havia ratos depois dos muros. A fortaleza agora está fazendo, ou povoada de fantasmas. O caminho que conduz a ela passa por muitos lugares: Caravanas. Pelas estradas empoeiradas do povo, pelos mandacarus e juazeiros, pelos seringais, pelas águas da Amazônia, pelos pampas, pelos cerrados e pelos babaçuais. Mas, sobretudo pela invencível alegria que o rosto castigado da gente demonstra a sua passagem. A revolução que acalentamos na juventude faltou. A VIDA não. A vida não falta. E não há nada mais revolucionário que a VIDA. Fixa suas próprias regras. Marca hora e se põe diante de nós, incontornável. Os filhos da margem têm os olhos postos sobre nós. Eles sabem, nós sabemos que a vida não nos concederá uma terceira oportunidade. Hoje temos uma cara, voz, bandeiras, temos sonhos organizados. Queremos um país onde não se matem as crianças que escaparam do frio, da fome, da cola de sapateiro. Onde os filhos da margem tenham direito a terra, ao trabalho, ao pão, ao canto, a dança, às histórias que povoam nossa imaginação, às raízes da nossa alegria. Aprendemos que a construção deste país não será obra apenas de nossas mãos. Nosso retrato futuro resultará da desencontrada multiplicação dos sonhos que desatamos. (Pedro Tierra, 1994)

## INTRODUÇÃO

A poesia referenciada foi encontrada na pasta que contém o material do CAJ (curso de aprofundamento para jovens) que era realizado anualmente em Riachão do Jacuípe, inicialmente por jovens do grupo jovem cristão DDD (Discagem Direta a Deus) e posteriormente pela pastoral da juventude. Este evento acontecia em dois dias consecutivos e essa poesia era dividida em estrofes, decorada e declamada em um dos momentos do encontro, por dois jovens que seguravam a bandeira do Brasil, em meio a cerca de 60 cursistas que participavam do evento. Ao término da poesia, colocava-se a música “Admirável gado Novo” de Zé Ramalho.

Na busca da origem da poesia, cujo título é Filhos da Paixão percebi que ela foi criada em 1994, por Pedro Tierra, sendo que o CAJ acontecia em Riachão do Jacuípe desde final da década de 80. Com isso percebemos pelo teor da poesia, e pelas modificações que iam ocorrendo no cronograma desse encontro, que existia uma preocupação da PJ em voltar-se para a realidade, de maneira dinâmica, acessível, utilizando-se de várias maneiras para transmitir diversificadas mensagens. Além da poesia, existiam palestras, jograis, dramatizações, atividades inúmeras, que caracterizavam a metodologia da pastoral da juventude e do curso citado acima.

São essas ações que são discutidas no decorrer desta monografia, apontando a constituição histórica da pastoral da juventude de Riachão do Jacuípe como um espaço de educação não formal, no espaço-tempo de 1986 a 2004.

Desde pequeno fui educado religiosamente dentro da doutrina católica, e nesse espaço fui convidado no ano de 1999, a participar do grupo jovem Rabony (palavra bíblica, cujo significado é mestre), que se reunia semanalmente no bairro do Ranchinho, na cidade de Riachão do Jacuípe, onde resido até hoje. Esse grupo estava inserido dentro da pastoral da Juventude. Porém, por se tratar de um grupo recém-formado, nessa época com apenas dois anos de existência, trabalhava uma diversidade de temas, mas com uma grande resistência por parte da maioria em tratar do tema política, que era efervescência do momento nos encontros promovidos pela pastoral como o DIF (Dia de Formação e Integração), encontro da PJ, grito dos excluídos, dentre outros.

No final de 2000, fui eleito vice coordenador do grupo jovem Rabony. Nesta condição passei a ter mais contato com as lideranças da pastoral da juventude, e percebi que muitos destes estava há algum tempo na pastoral e priorizavam o tema

política, por entender que era um meio concreto de interferir na realidade social do município. Percebi que este trabalho de conscientização era algo que tinha se iniciado ou ganhado crescimento em um dado momento na história da pastoral da juventude. Entretanto, a maioria das pessoas que entravam na PJ no final da década de 90 e início de 2000 tinham dificuldade para aceitar toda essa discussão, pois tinham a religião e o grupo jovem como um espaço de fé, oração, brincadeira, temas que ajudassem o jovem a viver em sociedade, mas sem tocar nas feridas, mazelas que permeavam o município.

Recordo-me que no ano de 2002, no final do Encontro da Pastoral da juventude, que se perdurara todo o dia, colocou-se um carro de som em frente ao espaço onde estava sendo realizado o encontro, que tinha centenas de jovens e a coordenação do encontro motivou a todos a saírem pelas ruas da cidade em caminhada pulando e cantando músicas como, por exemplo, “pra frente, pra frente, linda juventude, você é a esperança do país. O Brasil é lindo, o Brasil é nosso, não seja um fraco, não fuja do barco”, animados e com toda euforia da juventude entoávamos “por isso vem entra na roda com a gente também, você é muito importante”, dentre tantas outras canções que embalaram o momento e que nos fazia acreditar no nosso potencial transformador.

Porém, em um dado momento desta passeata, justamente no centro da cidade, onde inúmeras pessoas admiravam a quantidade de jovens na rua, a coordenação do evento começou a cantar refrãos de músicas utilizadas para a campanha de Lula naquele período, entusiasmados pela campanha a presidência da República, e pela esperança do novo no poder. Boa parte da multidão, que já estava empolgada, acabou aderindo e somando vozes ao evento.

Trouxe esses acontecimentos, dentre outros que são abordados no decorrer do trabalho, para enfatizar que escolhi registrar, documentar a história da PJ, pelas ações empreendidas pela mesma na cidade onde moro, pelo papel educacional que ela teve na minha vida, inclusive o despertar para a vontade de estar na faculdade, de ser professor e de valorizar os diferentes espaços que educam o ser humano para a vida em todos os sentidos.

Inicialmente, pensei em trabalhar o projeto Mandato Popular, onde a pastoral da juventude organizada protagonizou a campanha e a vitória de um membro da própria pastoral em 2004 para o legislativo municipal, pautados na participação da sociedade civil. Entretanto, me deparei com a monografia de Dulcinéia L. dos

Santos Carneiro, ex-estudante da UNEB sobre “O projeto participativo ‘Mandato Popular’ em Riachão do Jacuípe”. Apesar de entender que os caminhos, as fontes, as referências, poderiam trazer um novo olhar sobre o projeto, mudei de opinião e optei por trabalhar o aspecto político da PJ de maneira geral. Novamente na busca de referência e contato com alguns antigos participantes da PJ, fui informado que Marcos José de Oliveira Silva, ex-participante do grupo jovem El SHADAI, graduado em História pela UEFS, tinha feito sua monografia com o seguinte tema: “O cristão tem que ter um pé na bíblia e outro no chão: Ideias e práticas de jovens católicos nos conflitos de religião e política em Riachão do Jacuípe”.

Estes dois relevantes registros me fizeram perceber um olhar atento por parte de outras pessoas em relação às práticas da PJ, em especial o aspecto político. Porém a pastoral da juventude trabalhou infinidade de temas que atraía e correspondiam às expectativas da juventude envolvida, o que me levou a investigá-la de maneira mais ampla, como um espaço de educação não formal.

Além de ter participado da Pastoral, as fontes escritas, orais e vídeos foram eficazes para identificar essa diversidade temática: educação, droga, sexo, aborto, violência, natureza, desigualdade social, sexualidade, religião, documentos da igreja, família, cidadania, desemprego, política, cultura, personalidade, etc. e com variadas metodologias.

Assim o tema abordado é considerável para se pensar a importância das ações da pastoral para os jovens que por ela passaram e os gestos concretos que aparecem como resultado do trabalho educacional não formal da pastoral da juventude em Riachão do Jacuípe.

Estando em um desses encontros para orientação desta monografia, quando conversava com a professora orientadora na sala dos professores sobre o tema, uma pergunta de outra professora que chegou ao espaço me chamou atenção: “O que é a PJ?” E me fez entender a relevância do tema para a própria universidade, no que diz respeito a dar notoriedade às práticas educativas não formais e aos diferentes espaços onde estas práticas acontecem. O trabalho pode ser favorável à universidade, ainda, como estímulo ao conhecimento desta área ainda em construção - a educação não formal, e como meio de aproximar a comunidade acadêmica da história local.

Então, a partir do diálogo entre as fontes e as referências bibliográficas é feito uma análise de como a pastoral da juventude de Riachão do Jacuípe, foi se

constituindo como um espaço de educação não formal. Para tanto, tem se a descrição do processo histórico da pastoral a nível nacional e local e a partir disso é feito uma análise de como se dava o caráter formativo nas reuniões nos grupos de base, encontros e demais movimentos organizados pela pastoral da juventude. É discutido, ainda, até que ponto alguns participantes viam a PJ como um espaço educacional e se essas ações dialogam com conceitos de educação não formal.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em fazer um levantamento bibliográfico de autores brasileiros que trabalhem com o conceito de educação não formal. Percebi que são poucos, mas, a partir de Maria da Glória Gohn, foi possível perceber que a educação não formal é uma área ainda em construção.

Por este motivo e tendo em vista que em vários momentos foi possível estabelecer ligação entre a caracterização que Maria da Glória Gohn faz da educação não formal, especialmente em seu ensaio “Educação Não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas” (2006), e as fontes que identificam as práticas da Pastoral da Juventude, esta obra foi à base teórica que subsidiou as análises desta pesquisa. Tal obra foi posta em diálogo com outros autores que possuem estudos que, embora não tratem especificamente da educação não formal, ajudam para a compreensão do importante papel social desta, a exemplo de Paulo Freire (1987; 1996), Jonh Rüsen (2011) e Luis Fernando Cerri (2011).

Embora esteja trabalhando com o caso específico da história da pastoral da juventude de Riachão do Jacuípe, há de se ressaltar que ela faz parte de um contexto nacional e que também serve a propósitos semelhantes. Dessa maneira, a leitura de “O Queijo e os Vermes” de Carlo Gizburg, foi fundamental para optar pela Micro História como modelo metodológico. Devido ao estudo minucioso das fontes, está sendo possível revelar elementos, pessoas, fatos que passariam despercebidos diante da história geral. Estes estão dentro da Micro História da pastoral da juventude de Riachão do Jacuípe – BA. Essa escolha metodológica permite a construção de uma narrativa através dos variados documentos que serão analisados e principalmente através das falas dos depoentes.

As fontes encontradas foram: atas de reuniões do grupo jovem cristão DDD (1986 – 1996), jornal Folha da Conceição (2001 – 2002), pasta de cronograma do CAJ (Curso de aprofundamento para jovens), vídeos: III Encontro da PJ (1998), IV Encontro da PJ (1999), VIII Encontro da PJ (2003) e depoimentos orais.

Sobre esta última fonte, especialmente, faz-se necessários alguns esclarecimento. Em “(Re) Introduzindo a História oral no Brasil”, Marieta de Moraes Ferreira, aponta que a história oral nos anos 90 teve um notável crescimento e alerta para a “dificuldade de obter relatos fidedignos” (Ferreira citada por Meihy, 1996, p.14). Completando essa afirmativa, Alessandro Portelli coloca que “a transcrição transforma objetos audiovisuais em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação” (1997, p. 29). Utilizei de gravador para entrevistas, previamente agendadas e me esforcei em transcrever seus depoimentos com a maior originalidade possível.

Porém, este trabalho não se constituiu apenas com fontes orais, mas também com fontes escritas e audiovisuais. Além disso, os depoentes não forneceram apenas fontes de informações: produziram uma história oral, a qual será objeto de estudo nesta monografia, de modo que as falas dos depoentes estarão presentes como narrativas. Depoimentos que trazem o que viveram e analisam os fatos com lapsos de memória, portanto, subjetivas.

Entretanto, não considero isto um problema, uma vez que, de acordo com Alessandro Portelli, a subjetividade pode se aplicar a qualquer fonte “embora a sacralidade da escrita sempre nos leve a esquecer isto” (PORTELLI, 1997, P. 35). Por isso, não me isento da subjetividade, por entendê-la como algo natural no processo.

Dentre os dez entrevistados, é notável o destaque de alguns membros da PJ no período analisado (1986-2004). Estas pessoas tornaram-se referenciais dentro da igreja católica e na sociedade jacuipense. Tentei diversificar ao máximo minhas fontes orais, mas a maioria dos entrevistados foram pessoas que estiveram, quase sempre, como lideranças dentro da pastoral da juventude. Alguns deles são contemporâneos da época em que estive na PJ, outros são da fundação da pastoral da Juventude.

De modo geral tentei criar um ambiente propício para a realização da entrevista, desde o espaço silencioso, confortável, e o envolvimento com os depoentes. Em relação a isso, Alessandro Portelli coloca que,

Os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado, no qual ambos, entrevistador e entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente. (PORTELLI, 1997, p. 35)

A seleção dos entrevistados se deu pela frequência nas assinaturas das atas do DDD de 1986 a 1996, e pelo conhecimento prévio que detinha a respeito do envolvimento de alguns com a PJ.

Vale ressaltar, ainda, que tentei entrevistar dois membros que se afastaram da pastoral em início da década de 2000 por discordarem da conscientização política que estava sendo trabalhada fortemente neste período. Mas preferiram calar-se, apesar das inúmeras tentativas de ouvi-los. Acredito que foi uma grande perda para este trabalho.

Por entender que “o roteiro basicamente adotado em entrevistas de história de vida tem como objetivo cumprir a trajetória e o desempenho dos atores entrevistados (...) quanto seu caminho de ingresso na política, os laços que estabeleceu, as redes de relações que manteve com outros autores, etc.” (ALBERTI, 1990, p.48), “investi seriamente na elaboração de roteiros” (ALBERTI, 1990, p. 45), agendando entrevistas, formulando questões (em anexo) a partir da proposta de identificar a PJ como um espaço de educação não formal.

Verena Alberti alerta ainda para “investigação exaustiva do objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p. 45) como propósito de garantia da qualidade dos trabalhos posteriores. Nesse sentido, além de fazer algumas leituras, assistir vídeos de encontrões da PJ, li alguns artigos elaborados por membros da pastoral para o Jornal Folha da Conceição, tive acesso à pasta que contém o material do CAJ e li as atas do DDD (1986-1996) e, a partir deles, elaborei um roteiro prévio às entrevistas.

Antes de realizar as entrevistas, apresentava ao depoente o objetivo do trabalho e coletava a sua assinatura no termo de doação, onde os próprios assinavam autorizando a disponibilização dos dados da entrevista ao CEDOC (Centro de Documentação) da UNEB, e a revelação ou não da identidade no decorrer da monografia (em anexo). Após esse momento ligava o gravador e começava a direcioná-los as perguntas elaboradas sendo que no decorrer do processo, de acordo com as colocações dos entrevistados, iam surgindo novos questionamentos.

Por ter vivenciado determinado período na PJ e ter lido atas do DDD, dentre outras fontes escritas e audiovisuais já citadas aqui, obtive maior facilidade de diálogo com os entrevistados. Porém “ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o tema não significa saber tudo a seu respeito” (ALBERTI, 1990, p.46) e em diversos momentos fui surpreendido pelo novo, no decorrer das entrevistas. Além de ter que

controlar as emoções diante das reações humanas (choro, risos, silêncio, nervosismo, dentre outras) de alguns dos entrevistados ao lembrar o passado.

O resultado desta pesquisa está exposto na presente monografia, onde o primeiro capítulo tem como objetivo trabalhar o conceito de educação não formal e suas características, principalmente a partir de trabalhos de Maria da Glória Gohn. Ao mesmo tempo, busco pontuar diálogos com outras obras que, embora não foquem a educação não formal, auxiliam na sua caracterização.

Nas obras “Pedagogia do Oprimido” (1987) e “Pedagogia da Autonomia” (1996), por exemplo, Paulo Freire defende a luta das classes populares e menos favorecidas da sociedade e a necessidade de uma educação libertadora e do fazer-se sujeito da história.

Discuto também com Luiz Fernando Cerri, sobre como, no processo de formação de identidades, é necessária a alteridade, dialogando com Maria da Glória Gohn que traz que na Educação Não Formal o educador é o outro, aqueles com quem interagimos.

Como em Maria da Glória Gohn percebe-se a valorização destes espaços não formais na produção de saberes para a vida, dialogo ainda com Jörn Rüssen, pois este, além de considerar a aprendizagem como uma dupla experiência, traz que todo indivíduo é portador de “consciência histórica”, característica da educação não formal.

O segundo capítulo traz como objetivo, apresentar a constituição da pastoral da juventude nacional, a partir da obra “O caminho se faz. História da Pastoral da Juventude do Brasil”, de Pe. Hilário Dick, apontando “a história do segmento de jovens católicos que, a partir de certo momento, é conhecido como pastoral da Juventude” (DICK, 1999, p. 5)

Também é discutido neste segundo capítulo, a formação da pastoral da juventude em Riachão do Jacuípe, a partir da utilização das fontes escritas e orais e do diálogo com o livro “Memórias em conflitos ou padre não deve se meter em política”, de Marinélia Silva (2010) e o trabalho de conclusão de curso de Marcos José de Oliveira Silva “O cristão tem que ter um pé na bíblia e outro no chão’. Ideias e práticas de jovens católicos nos conflitos de religião e política em Riachão do Jacuípe – BA (1985 – 1996)” (2009).

No primeiro livro citado, Marinélia Silva aponta que há dois momentos na história de Riachão: o primeiro seria o tempo que precede a chegada de padre

Silvino na cidade em 1992, quando “reinava o respeito e a harmonia entre padres e políticos” (SILVA, 2010, p.79). E o segundo momento foi após a sua chegada, onde ele começou a denunciar as injustiças e despertar os fiéis para a necessidade de conscientização política dentro da igreja.

Segundo os depoimentos e as atas, o grupo jovem DDD já se incomodava com a relação de dependência da paróquia em relação aos políticos locais antes da chegada de padre Silvino, mas segundo as atas e as falas dos depoentes, foi ele que ajudou a organizar e a formar a ideia de pastoral da juventude em Riachão e em contrapartida teve a pastoral da juventude como principal aliada nos eventos da paróquia.

No terceiro capítulo, apresento as características da Pastoral da juventude que fazem dela um espaço de educação não formal. Para tanto, são analisadas as informações obtidas a partir das fontes, principalmente as orais, acerca do referencial teórico utilizado pelos membros da pastoral da juventude na execução de suas atividades e da diversidade das metodologias adotadas no trabalho com os temas.

Abordo, ainda, a relevância educacional da pastoral da juventude na vida dos entrevistados, assim como se há o entendimento dos mesmos em relação à pastoral da juventude se constituir como um espaço de educação não formal.

A educação não formal tem também como característica a preparação dos indivíduos para serem representantes da sociedade civil organizada e o reconhecimento por parte destes em relação a direitos e deveres político (GOHN, 2006). Portanto, outro aspecto a ser discutido será a fundação do Partido dos Trabalhadores, na segunda metade da década de 90, e a participação de muitos jovens da pastoral neste processo, bem como o início da década dos anos 2000, onde a efervescência política alcançou o auge na pastoral da juventude e a culminância da eleição de José Avelange Oliveira Mota ao legislativo em 2004. Isto porque o citado candidato foi eleito pelo projeto mandato popular, oriundo da pastoral da Juventude, fruto de discussões em reuniões da pastoral onde se dizia que um dos meios de transformar a sociedade era infiltrar-se na política partidária.

De modo geral, o trabalho foi pensado na perspectiva de atentar a importância da educação não formal preparar para inserção das pessoas em conselhos, movimentos, sindicatos e demais espaços, como a pastoral da Juventude de Riachão do Jacuípe – BA, que dentro do período analisado serviu para tal

propósito, além de trabalhar temas de diversos interesses. Que essa seja também uma preocupação pertinente na educação formal: despertar os discentes a serem sujeitos ativos na sociedade em que vivem,

Há muitos desafios a serem enfrentados. Como meta geral é preciso alterar a cultura política de nossa sociedade (civil e política), ainda fortemente marcada pelo clientelismo, fisiologismo e por diversas formas de corrupção; reestruturar a cultura administrativa de nossos órgãos públicos, ainda estruturados sobre os pilares da burocracia e do corporativismo; contribuir para o fortalecimento de uma cultura cidadã que respeite os direitos e os deveres dos indivíduos e das coletividades, pois a cidadania predominante se restringe ao voto e é ainda marcada pelas heranças coloniais da subserviência e do conformismo. (GOHN, 2010, p. 356 e 357)

## **CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: “UM PROCESSO COM VÁRIAS DIMENSÕES”**

O primeiro desafio encontrado ao trabalhar com educação não formal foi ultrapassar a lógica do senso comum, que a caracteriza simplesmente, como algo diferente da educação formal (escolar). Fez-se necessário, portanto, dialogar com autores que discutem este conceito, a fim de caracterizar as práticas da Pastoral da Juventude.

Existem poucos escritos de autores brasileiros sobre o assunto: “considera-se a educação não formal como uma área de conhecimento ainda em construção” (GOHN, 2006, p. 27). Dentre estes, os de Maria da Glória Gohn (2006; 2009; 2010) foi fundamental para o referencial teórico deste trabalho.

Isto porque tal autora demonstra ter um grande interesse pelos movimentos sociais e uma preocupação em atentar que além da educação formal - “desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados” (GOHN, 2006, pág. 28) - existem outros espaços educacionais que capacitam o indivíduo, e que essa outra maneira de educar “é aquela que se aprende no ‘mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN 2010, p. 28), dentre os quais se inclui a Pastoral da Juventude.

Importante ressaltar que:

A educação não formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivo. (GOHN, 2009, p. 32).

De acordo com o dicionário Aurélio, a educação é a “ação de desenvolver as atividades psíquicas, intelectuais e morais”<sup>1</sup>. Apesar de convergir com a educação não formal, no sentido de ter como objetivo tornar o sujeito um “cidadão pleno”, (GOHN, 2006, p. 32) muitas vezes a educação formal está seguindo a lógica do capitalismo, resumindo-se a transmitir conteúdos previamente estabelecidos, construindo assim, como disse Paulo Freire, uma “memorização mecânica do conteúdo” (FREIRE, 1987, p. 57) , que não problematiza a realidade em que os sujeitos em aprendizagem vivem, tendo como objetivo maior o mercado de trabalho,

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Educacao.html>>, acessado em 14/11/13.

os vestibulares. Forma-se assim seres cada vez mais competitivos, o que acaba direcionando o discente unicamente a “uma aprendizagem efetiva (que infelizmente nem sempre ocorre), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados”. (GOHN, 2006, p. 30)

Muitos entendem educação como sinônimo de escola. Porém a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 coloca que,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, Art. 1º).

Assim sendo, percebe-se que diversos espaços contribuem para formação pessoal/social do indivíduo. Vale lembrar aqui a educação informal, “aquela que o indivíduo aprende durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, P. 28), a qual, por sua vez, difere do conceito de educação não formal, sendo que popularmente as pessoas tendem a entendê-las na mesma semântica.

No decorrer deste capítulo, serão apresentadas as características da educação não formal, sendo que no segundo e principalmente no terceiro capítulo, elas serão vistas minuciosamente em diálogo com as fontes que apontam a atuação da pastoral da Juventude em Riachão do Jacuípe.

Antes de apresentar tais características, porém, é Indispensável destacar o papel de Paulo Freire e a educação popular como referência para se pensar bases, aproximações, aberturas para o que depois se conceituou de educação não formal.

Segundo o diretor do instituto Paulo Freire e professor da Universidade de São Paulo, Moacir Gadotti:

Foi na década de 50 que se iniciou estas profundas histórias de ideias, práticas e acontecimentos no campo da educação na América Latina: a educação popular. Como concepção da educação, a educação popular é uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Isso se deve em grande parte à atuação internacional de um dos seus mais importantes representantes: Paulo Freire. Ele deixou, por onde passou as sementes de uma concepção popular emancipadora da educação. Essas sementes florescerão em numerosos grupos e organizações nas últimas décadas, unindo conscientização e organização popular. Ao contrário de concepções educacionais nascidas nos gabinetes dos burocratas ou de pedagogistas bem intencionados, a educação popular

nasceu, na América Latina, no calor das lutas populares, dentro e fora do estado. (GADOTTI, 2007, p. 24).

Pautado na necessidade da conscientização do aluno, Paulo Freire defendia a luta das classes populares, oprimidas e menos favorecidas da sociedade. Por isso a necessidade de uma educação libertadora. Assim, em suas obras, a exemplo de *Pedagogia da Autonomia* (1998), ele atenta para a não passividade do indivíduo e o fazer-se sujeito da história, além de enfatizar também que:

Se tivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1998, p. 25)

Apesar de não mencionar a educação não formal, até mesmo pelo fato de, como já foi colocado aqui, ser um conceito recente, etimologicamente falando, Paulo Freire aponta para a necessidade do sujeito se perceber no mundo, não como alguém que se adapta, mas a de quem nele se insere. “É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (FREIRE, 1998, P. 31) Assim sendo, na lógica freiriana, faz-se necessário intervir de maneira direta no meio em que se vive indo contra o discurso neoliberal e a passividade social. Como adverte Freire,

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de história e cultural passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como a realidade é assim mesmo, que podemos fazer? ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (FREIRE, 1998, p. 10).

Por isso, a necessidade de entender a “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987, p. 9), onde capacite o ser humano a “aprender a dizer sua palavra” (FREIRE, 1987, p. 13), a lutar pelos seus direitos, atuando em conselhos, associações, ONGs, movimentos sociais que permita a partir da troca de experiências, das vivências em grupo e na sociedade, educarem-se mutuamente.

É nesse contexto que se torna perceptível a importância das ações não formais, que dialogam na busca de uma vivência melhor em sociedade. Como diz

Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 68)

Por esta educação não formal ser um processo que, na maioria das vezes, acontece fora do espaço escolar, o senso comum, os meios de comunicação, até mesmo, as entidades educacionais formais não entendem estes espaços como um meio produtor de saberes.

Assim, uma das principais características da educação não formal é que ela é rica em potencialidades, no sentido de tornar o indivíduo, um ser crítico, atento as mazelas sociais, conseqüentemente, um cidadão ativo,

A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e o exercício das práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.(GOHN, 2006, p. 28)

Então, a educação não formal cria mecanismos que torna possível a percepção de direitos dos indivíduos enquanto cidadãos. Onde se deduz que os envolvidos no processo passam a ter capacidade de se organizarem comunitariamente, com objetivos de resolverem problemas de ordem social, dentre outros, ressaltando a visão de mundo destes envolvidos que, estes espaços educativos não formais somaram a suas personalidades.

Nesse contexto, dá para se entender que sujeitos envolvidos nestes espaços não formais dispõem de certa autonomia. Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1987) coloca que, no contexto da educação formal, deve haver reciprocidade entre o educador e o educando. Aponta ainda que através da concepção “bancária” (FREIRE, 1987, p. 58) da educação, a ação dos educandos resume-se a receber, guardar e arquivar os conteúdos. Dentro dessa visão denunciada por Paulo Freire, formam-se pessoas submissas, dependentes e sem visão de mundo,

Não são poucos os camponeses que conhecemos em nossa experiência educativa que, após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhes é problemático, param de repente e dizem ao educador: “desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós, os que não sabemos.” (FREIRE, 1987, p. 50)

Diferentemente desta concepção de educação formal, onde o professor, que deveria ser o condutor, é tido como detentor do saber, “na não formal o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos e nos integramos” (GOHN, 2006, p. 29). Por isso, Luís Fernando Cerri afirma que,

Então, necessariamente temos que considerar a ideia de que a formação de identidades razoáveis passa obrigatoriamente pelo trabalho com a alteridade, a consideração positiva e integracionista do “outro”, e com a primazia do diálogo nas relações pessoais e coletivas. (CERRI, 2011, p. 82).

Apesar de não estarem no meio escolar, estes indivíduos buscam ambientes propícios para compartilharem experiências, educarem-se reciprocamente. Um elemento que diferencia a educação não formal das demais, já citadas aqui, é segundo Maria da Glória Gohn a “intencionalidade” das ações em participar e/ou em transmitir outros saberes: este é um grande elemento de diferenciação. A educação acontece por meio da disponibilidade e da opção dos que se inserem nesses processos educativos.

Se o grande educador é o outro, cada integrante traz em si “consciência” de si e do mundo, adquirida em diversos espaços. Nesse contexto, todo ser humano é portador de uma “consciência histórica”, “guardada” interiormente, de modo que é fraudulenta a ideia de que só detém “consciência histórica” a pessoa que possui formação escolar/acadêmica, certo grau de instrução. É o que destaca Estevão de Resende Martins em Jörn Rüssen e o Ensino de História ao trabalhar com a ideia da escola não ser o único local da produção de saber:

O aprendizado se realiza ao longo de uma dupla experiência: uma é de contato com o legado da ação humana... Esse contato se dá de forma espontânea no convívio social do cotidiano, nos últimos âmbitos da experiência concreta vivida... A outra experiência é a escolar. (MARTINS, 2001, p. 9).

Nesse sentido, todo indivíduo é portador de “consciência histórica”, mesmo que diferentes culturalmente, visto que o pensar historicamente é inerente à condição humana.

Portanto, ao trabalhar com a Pastoral da Juventude, é preciso perceber que antes de serem meros receptor/produtor do saber que eram compartilhados em reuniões e eventos da Pastoral da Juventude, os participantes traziam visões

individualizadas, construídas, sobre família, sociedade, política, etc. Ou seja, eram portadores de “consciência histórica”, o que foi favorável para em vários momentos serem protagonistas de embates significativos.

Muitos destes momentos de embates foram protagonizados pelo desejo de mudança de algo que não estava dando certo, seja dentro da igreja católica, como na própria sociedade. No entanto a “consciência histórica” não se resume somente ao passado, mas às projeções feitas para o futuro,

Talvez essa seja uma das contribuições mais importantes do “pensar historicamente” para a construção da cidadania: a capacidade de entender e posicionar-se diante de visões de mundo, de explicações gerais ou fragmentárias sobre a sociedade, que utilizam conhecimentos sobre o tempo (CERRI, 2011, p. 66).

Foi nesse “pensar historicamente” que a Pastoral da Juventude projetou ações. Como vimos a “consciência histórica” não se resume ao passado. Tratando-se de finalidade Gohn aponta que, “a educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo.” (GOHN, 2006, p. 29). Neste sentido ela abre oportunidades de conhecimento, sendo que “seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.” (GOHN, 2006, p. 29).

Diferentemente da educação formal que adota o caráter metódico, curricular, sistemático, cheio de regras, “a educação não formal atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo, desenvolve laços de pertencimento.” (GOHN, 2006, p. 30).

Outra distinção entre a educação formal e não formal é que na educação formal existe a certificação do aprendizado, através do diploma, como garantia de que o discente está apto a avançar para outros níveis. Segundo Maria da Glória Gohn, em Educação Não Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas (2006) a educação não formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos, tais como:

- Consciência e organização de como agir em grupos coletivos;
- A construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo;
- Contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade;

- Forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacita-o para entrar no mercado de trabalho);
- Quando presentes em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de autoajuda denominam simplificada, como autoestima); ou seja, dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.);
- Os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Estes são alguns aspectos ressaltados por Maria da Glória Gohn, para destacar os resultados de trabalhos desenvolvidos em ambientes não formais. Neste sentido a participação dos indivíduos nestes grupos resulta na “construção de uma identidade coletiva e o aprender a conviver com a diferença” (GOHN, 2006, pág. 30).

Outra característica da educação não formal apontada por Maria da Glória GOHN (2006) é a descentralização dos poderes e a metodologia, sendo esta última um dos pontos mais fracos na educação não formal (GOHN, 2006, p. 31). Para a mesma, “as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos” (GOHN 2006, p. 31) Nessa lógica, Maria da Glória Gohn afirma que “os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos...” (GOHN, 2006, p. 31).

Estes conteúdos/temas respondem as expectativas de determinados participantes e quase sempre se alteram de acordo com os acontecimentos. Estão voltados para a formação integral dos indivíduos. Neste processo de formação, onde a reciprocidade acontece naturalmente, as escolhas metodológicas se diversificam e configuram-se de acordo as pessoas que integram o espaço. (GOHN, 2006) Outra questão de atenção na educação não formal é o fato deste ser um ambiente propício para formação de lideranças, pessoas que integradas nesse processo, destacam-se e tornam-se coordenadores, facilitadores no desenvolver das atividades educativas,

Qualquer que seja o caminho metodológico construído ou reconstruído é de suma importância atentar para o papel dos agentes mediadores no processo: os educadores, os mediadores, assessores, facilitadores,

monitores, referências, apoios ou qualquer outra denominação que se dê para os indivíduos que trabalham com grupos organizados ou não. (GOHN, 2006, p. 32).

Diante das pontuações feitas até aqui sobre a educação não formal, torna-se perceptível a importância de se pensar práticas que resultam na participação da sociedade em movimentos sociais, associações, conselhos, dentre outros. “Por intermédio dos conselhos, a sociedade civil exercita o direito de participar da gestão de diferentes políticas públicas.” (GOHN, 2006, p. 34) Maria da Glória Gohn aponta que esta participação ativa traz possibilidades de maior controle sobre as ações do estado,

O caráter educativo que essa participação adquire, quando ela ocorre em movimentos sociais comunitários, organizados em função de causas públicas, prepara os indivíduos para atuarem como representantes da sociedade civil organizada (GOHN, 2006, p. 33).

São “opções democráticas” (GOHN, 2006, p. 34) de participação, que transformam a cultura passiva das pessoas diante dos acontecimentos em deveres enquanto cidadãos para com a sociedade. “Não se trata de um processo isolado, mas de caráter político – social” (GOHN, 2010, p. 333). Pessoas que com suas individualidades se unem para reivindicar, debater, propor, questionar, serem ativos na comunidade onde vivem. Neste sentido estes espaços, assim como o escolar, devem:

Construir cidadãos éticos, ativos, participativos, com responsabilidade diante do outro e preocupados com o universal e não com particularismos, é retomar as utopias e priorizar a mobilização e a participação da comunidade educativa na construção de novas agendas. (GOHN, 2006, p. 37).

Na construção destas novas agendas/propostas sociais deve-se pensar, segundo Maria da Glória Gohn (2006), alternativas que priorizem a mudança social, tendo como alvo o caráter econômico excludente. Esta mudança deve “contemplar valores de uma sociedade em que o ser humano é centro das atenções e não o lucro, o mercado, o status político, social, o poder em suma” (GOHN, 2006, p. 37).

A atuação nestes ambientes desconstrói aquela ideia da naturalização dos problemas sociais, políticos, etc., de que “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” tão criticada por Paulo Freire. “São aprendizagens que estão gerando saberes” (GOHN, 2006 p. 34), pois nos coloca como sujeito ativo, responsáveis por

uma sociedade mais justa. Saberes que permanecem ao longo do tempo. Saberes que são reflexos, segundo Gohn, dos objetivos propostos pela educação não formal

Educação para cidadania;

- Educação para justiça social;
- Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais, etc.)
- Educação para liberdade;
- Educação para igualdade;
- Educação para democracia;
- Educação contra discriminação;
- Educação pelo exercício da cultura, e para manifestação das diferenças culturais. (GOHN, 2006, p.32 – 33).

Como já foi abordada aqui, a educação não formal não se apresenta como uma proposta contra a educação formal. Porém, resalto aqui a necessidade de condução do aluno aos espaços educativos não formais,

Articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual (GOHN, 2006, p. 36).

O objetivo deste capítulo foi elencar características da educação não formal e tomá-las como parâmetro para se pensar os capítulos seguintes.

Entretanto, não há como pensar a PJ como espaço de educação não formal sem que haja clareza do leitor quanto ao seu significado e seu lugar na História de Riachão do Jacuípe: como se deu a construção da pastoral da juventude nacional e local? Como foram os primeiros passos da história da pastoral da juventude em Riachão do Jacuípe?

Estas e outras questões serão discutidas no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 - O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE NACIONAL E LOCAL.**

Pensar a formação da Pastoral da Juventude de Riachão do Jacuípe e afirmá-la ter sido ao longo de sua história um espaço educacional é algo que naturalmente deve ser abordado dentro de um contexto macro, pensando-a enquanto segmento pastoral da igreja católica existente em âmbito nacional. Dentro desta perspectiva, este segundo capítulo será composto por uma narrativa, que permita, mesmo que corriqueiramente, o entendimento de sua memória nacional, respondendo como de segmento de jovens católicos se constituiu a pastoral da juventude. A partir daí se tem uma delimitação espacial para se adentrar de maneira mais aprofundada na história local, na tentativa de explicitar os “caminhos” trilhados pelos grupos de jovens na década de 80 e pela consumada pastoral da juventude na década de 90.

Em *O caminho se faz. História da Pastoral da Juventude do Brasil (1999)*, Padre Hilário Dick S.J. aponta que os jovens que frequentavam a igreja católica anterior a década de 50, não detinham de organização e autonomia, ou seja, não havia articulação e protagonismo entre os mesmos.

A autonomia juvenil na perspectiva católica, afirmou-se no começo da década de 50. É nesta época que se encontram as raízes de uma juventude católica articulando-se por competência dela. (DICK, 1999, p. 6).

Esta autonomia que agora o jovem estava encontrando, segundo Dick advinha da movimentação da igreja católica no sentido de “re Cristianizar” o mundo, visto a descrença e o crescente índice de perdas de fiéis nestas primeiras décadas do séc. XX, o que resultou na fundação de um grande movimento mundial: a Ação Católica<sup>2</sup>.

Em toda parte (também no Brasil) algo de novo e de muita gente começou a manifestar-se na igreja. Congressos, Dias de Formação, Assembleias, reuniões de homens, mulheres, moços e moças, Semanas Nacionais da Ação Católica. (DICK, 1999, p. 07)

---

<sup>2</sup> A ação católica é o nome dado ao conjunto de movimentos criados pela igreja católica no século XX, visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicado e do fortalecimento da fé religiosa, com base na doutrina social da igreja. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o\\_Cat%C3%B3lica](http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_Cat%C3%B3lica) Acessado em 07/04/2014

Segundo Dick (1999), destacaram-se duas formas de organização dentro deste contexto da Ação Católica: a Ação Católica Geral e a Ação Católica Especializada. A Ação Católica Geral, “carregava em si uma visão política, olhava o universo das pessoas formado por homens, mulheres, moços e moças”.

No Brasil, esta iniciativa, apesar de controlada pela hierarquia da igreja católica intensificou a organização e envolvimento de leigos nas ações da igreja, como exemplo a formação, em 1932, da Juventude Feminina Católica e em 1935 funda-se no Brasil a Juventude Católica Brasileira, dentre outros (DICK, 1999, p. 08).

O período da década de 1950 e 1960 caracterizou-se pela evangelização a partir de diversos espaços, oriundos da Ação Católica Especializada. Estes são significativos para se pensar as bases da formação da pastoral da juventude nas décadas posteriores. Dentre estes está a JAC (Juventude Agrária católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JIC (Juventude Independente Católica) a JOC (Juventude Operária Católica), a JUC (Juventude Universitária Católica). Segundo Dick, a herança que a Ação Católica Especializada deixou é muito grande, dentre tantas há de atentar o fato do despertar para o protagonismo juvenil na evangelização (DICK, 1999, p. 12).

Fala-se e falava-se dos “movimentos” de Ação Católica porque não se falava, ainda, de “pastorais”. Essa discussão é posterior, mas é bom ter presente que há “movimentos” com tônicas diferentes e que os “movimentos” da Ação Católica Especializada, dos quais falamos, são todos antecessores das pastorais que vão compor a Pastoral da Juventude. (DICK, 1999, p. 12).

Nas décadas em que se vivia a ditadura militar, porém, os espaços para a manifestação juvenil foram se anulando e os movimentos da Ação Católica Especializada foram extintos;

Com as modificações que a Igreja vinha sofrendo e com a falta de espaço que os jovens tinham para se manifestar (estavam proibidos os Diretórios, os Centros de Estudantes e os Grêmios Estudantis; estavam fechados os Sindicatos e eram proibidas as reuniões...) outro fenômeno aconteceu: em vez de os jovens se encontrarem nos “meios” (Colégio, Campo, Fábrica e Universidade), eles começaram a reunir-se nas paróquias (lugar mais seguro e com atrações litúrgicas novas que agradavam os jovens: violão na missa, missa em português etc.) e formaram-se milhares de grupos de jovens. Grupos de paróquia. (DICK, 1999, p. 13).

Da década de 70 por diante, começaram a surgir encontros em muitos lugares, onde os jovens se reuniam em finais de semana com uma pedagogia que

atraia e agradava os participantes. “Em questão de pouco tempo pipocavam, em todo o Brasil, estes e outros tipos de encontros para jovens, muito semelhantes entre si” (DICK, 1999, p. 13). No entanto;

Estamos falando, por ora, de “Encontros” ou “movimentos” tipicamente “nacionais”. Chamamos este fenômeno de “movimentos de encontro”. Eram coordenados, mais ou menos explicitamente, por adultos; visavam resolver os problemas pessoais do jovem e dar respostas às aspirações de libertação interior da pessoa; despertavam os jovens para uma experiência forte de oração, afetividade e amizade; acentuavam a dimensão espiritual, com ênfase nos sacramentos e na oração; eram menos dependentes do apoio do clero (ai estavam os adultos...) e o assessor adulto (leigo) era um fator importante; trabalhavam com grandes grupos; apresentavam uma igreja atraente e acolhedora que se contrapunha à frieza e burocracia das paróquias e ao formalismo das celebrações dominicais; trabalhavam muito o sentido de pertença à igreja (“todos somos igrejas...”). (DICK, 1999, p. 14)

Estes encontros procuravam construir vida autônoma. E foi destes o direcionamento para o surgimento de inúmeros grupos de jovens, mesmo que isoladamente. Segundo Dick, em 1971, 1972 e 1973, estes grupos procuram encontrar-se, sem nenhum resultado;

Cada qual estava mais preocupado e mais entusiasmado com “sua” experiência. É verdade que o Setor Juventude da CNBB<sup>3</sup>, se esforçou para fazer surgir daí certa organicidade, mas isso somente aconteceu, de fato, mais do que dez anos depois. (DICK, 1999, p. 14).

A década de 1970 pode ser caracterizada como uma época em que muito se promoveu assembleias, encontros, articulações nacionais que envolvessem estes grupos que estavam se originando. “No entanto, a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) já iniciara certa articulação a nível nacional” (DICK, 1999, p. 20). A PJMP, referendada é um dos segmentos da pastoral da juventude mais direcionada a questão política e social, que remanesce como fruto da Ação Católica Especializada em final da década de 1970.

Depois de 1978, principalmente após a Conferência Episcopal de Puebla, fazendo uma “opção preferencial” pelos jovens, houve muita mobilização pastoral envolvendo a juventude, mesmo sem uma organicidade nacional (DICK, 1999, p. 20).

Assim, no final da década de 1970, estes grupos e movimentos da igreja católica que estavam diretamente ligados aos jovens foram se encaminhando para a

---

<sup>3</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

consolidação de uma pastoral. Em 1983 é criado o setor juventude da CNBB com a proposta de orientação a estes. Entretanto, “a nível nacional, não houve articulação juvenil, com protagonismo dos jovens, antes de 1983”, existiam mobilizações importantes por partes dos jovens, mas em caráter regional. Não dá para se pensar a composição destes grupos fora do contexto da época, onde;

No Brasil e em vários outros países da América Latina, no fim da década de 1970 e parte dos anos de 1980, ficaram famosos os movimentos sociais populares articulados por grupos de oposição aos regimes militares, especialmente pelos movimentos de bases cristãos, sob a inspiração da Teologia da Libertação (GOHN, 2010, p. 342).

Assim em meio a este contexto é que foi se consolidando nacionalmente a Pastoral da Juventude. Sendo que a década de 80 pode ser pensada como um momento em que se firmou a personalidade pastoral, a partir destes encontros que vinham sendo articulados nacionalmente. Grupos que se reuniam para entender e interagir em meio ao contexto social e político da época, mas que também permitiam aos jovens fortes experiências de espiritualidade, amizade, afetividade, de encontro com o outro, dentre tantas outras possíveis vivências dentro desta pastoral.

E em Riachão do Jacuípe como se deu essa construção da Pastoral da Juventude? Qual era o cenário dos jovens dentro da igreja católica do referido município? Existia esse entendimento, por parte destes jovens do que era a pastoral da Juventude na década de 80, a nível local?

Riachão do Jacuípe está localizada a 186 km da capital baiana, população atual estimada em 2013, pelo IBGE, é de 35.273 habitantes<sup>4</sup>, tem sua economia voltada para a agricultura e pecuária. Clima semiárido, vítima de longos períodos de estiagem e aquecida por um pequeno comércio, a cidade sofre, não diferentemente das décadas anteriores com a falta de emprego e por isso muitas pessoas, em sua maioria jovem, se deslocam para os grandes centros em busca de melhores condições de vida. Há de se destacar ainda o descaso do poder público do município ao longo de sua história.

Segundo a entrevistada, Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira<sup>5</sup>, a “década de 80 foi um período assim que a população de Riachão passou por momentos

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=292630>> Acessado em: 18/04/14

<sup>5</sup> Professora. Especialista em História da África. Participou da fundação do grupo Jovem DDD, que será apresentado adiante. Entrevista concedida em: 02/ 09/ 2013

diffíceis”<sup>6</sup>. Marinélia Silva em *Memórias em Conflito* ou Padre não deve se meter em política, aponta que até meados da década de 1980,

Riachão do Jacuípe ainda vivia dos despojos do sisal, tinha uma economia forte e era uma espécie de centro da região, com bancos movimentados; seu povo trabalhava nas indústrias de beneficiamento da fibra... A partir da segunda metade daquela década o preço da fibra do sisal caiu e, junto com ela, o desenvolvimento do lugar. Anos mais tarde, a cidade perde o posto de uma das maiores exportadoras do produto do país e passa a amargar o título de lugar seco e atrasado. Fecham-se as agências bancárias, agigantam-se a fala sobre o atraso. (SILVA, 2010, p. 14).

Assim, o final da década de 1980 e a década de 1990 são marcados pela decadência do município. Segundo Marinélia Silva (2010) faltava iniciativas do poder público para o reaquecimento da economia. Neste contexto, políticos assumiam o papel assistencialista, imediatista baseado na troca de favores com a população local, sem se preocupar com o crescimento do município.

A autora Marinélia Silva (2010) aponta dois momentos na História de Riachão do Jacuípe: O tempo da harmonia, anterior a década de 1990, onde “reinava o respeito e a harmonia entre padres e políticos” e o tempo dos conflitos que é da chegada de padre José Silvino em 1991, quando o mesmo juntamente com os jovens da paróquia começou a denunciar o descaso do poder público municipal.

É necessário pontuar que em meados da década de 1980, neste cenário descrito anteriormente, apesar de já haver articulações entre jovens católicos do município, segundo os entrevistados, não se tinha entendimento de Pastoral da Juventude, como já acontecia em âmbito nacional. Marcos José em *O cristão tem que ter um pé na bíblia e outro no chão*, aponta que,

Segundo os relatos de memória de pessoas que participaram da PJ, existia na Paróquia do município um grupo de jovens chamado MCJC – Movimento Comunitário com Jovens de Cristo, formado no ano de 1984, que “surgiu da necessidade de dar um direcionamento à juventude daquela época de 1984, que nós não tínhamos em Riachão um grupo de jovens, nem pastorais da juventude, nada que levasse a um fortalecimento espiritual, que nos levasse a uma direção no sentido de religião”, relata o leigo Cândido. (SILVA, 2009, p. 12).

Na fala do depoente Cândido, entrevistado por Marcos, é notório o fato do grupo jovem como um local que deveria favorecer um “fortalecimento espiritual”, que motivasse o jovem a direcionar-se a uma religião. Dentre toda pesquisa e mesmo

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida em 02/09/13

com as fontes orais, não se encontra indícios de outros espaços denominados de grupos de jovens na paróquia antecessores a este momento. O MCJC, mencionado por Cândido representa a base de futuros grupos de jovens que foram se originando na paróquia, a exemplo do grupo de Jovens DDD – Discagem Direta a Deus. Este será abordado neste trabalho com mais ênfase pelo longo período que se manteve vivo, pelas gerações que abraçou e pelos trabalhos desenvolvidos no município de Riachão do Jacuípe, fundamentais para o entendimento das origens da Pastoral da Juventude e das características desta.

Segundo os entrevistados o grupo MCJC, realizava o EJC – Encontro de Jovens com Cristo, onde se discutia uma diversidade temática, mas como o próprio nome sugere o foco do encontro estava em transmitir os valores cristãos, fazer o jovem encontrar-se com a história de Jesus Cristo, logo estar dentro do espaço religioso, igreja católica. E foi destes encontros que se fundou, em 16/08/1986, o grupo jovem cristão que posteriormente, depois de consenso entre os participantes, foi denominado DDD. Como atesta Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>7</sup>, “ele surgiu depois de um encontro que se fazia aqui, chamado EJC”<sup>8</sup>. Segundo Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira<sup>9</sup>, participante da fundação do DDD, o grupo aparecia como um gesto concreto do encontro realizado.

Ratifica-se também essa ideia a partir de registros em ata<sup>10</sup>: “A partir de cursos de conscientização religiosa, fomos estimulados a compor um grupo jovem, a fim de perseverarmos na religião”. Também é destacada nesta referida ata a força que o diretor espiritual dava ao grupo, apesar de não citar o nome.

As entrevistas, por sua vez, foram eficazes para destacar a importância do padre João Ednalvo, que atuou na paróquia como sacerdote de 1985 a 1991. Na medida em que o grupo DDD ia emergindo o MCJC ia se extinguindo, “Para Cândido o padre João foi quem contribuiu para o fim do MCJC” (2009, p. 15), e, os motivos variaram desde a maneira como os jovens se portavam na igreja, ao local de reuniões semanais do grupo.

No decorrer das entrevistas, foi notável que as pessoas que participaram da fundação do DDD têm um sentimento de gratidão presente nas suas falas ao padre

---

<sup>7</sup> Funcionário Público: oficial de justiça. Superior Completo. Começou a participar do DDD em 1988

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 27/08/13

<sup>9</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>10</sup> Ata de apresentação do grupo jovem DDD, 25/04/1987.

João Ednalvo. Segundo Edney Cana Brasil Santos Oliveira<sup>11</sup> ele foi o mentor, “um referencial para nossa vida, pessoa super espiritualizada”<sup>12</sup>, sendo esta afirmativa uma constante na fala de outros depoentes envolvidos neste momento.

O fato é que o grupo jovem DDD dava seus primeiros passos identificando-se segundo a ata de apresentação<sup>13</sup> como um grupo de jovens “interessados nas palavras de certo homem que mudou a história”, apontando as consequências do materialismo destrutivo e apresentando aos jovens “uma nova opção: a espiritualidade”, sem se comprometer especificamente com a situação difícil vivenciada pelo município. Ratifica-se aqui a ideia de que o grupo neste momento inicial tem como preocupação pautar-se em valores cristãos, visto ter por base as palavras de Jesus Cristo e maior aproximação com as questões religiosas, espirituais, sem necessariamente ter consciência dos caminhos e discussões sociais, política, dentre tantas, que estariam por vir neste espaço religioso.

Segundo Gildevan Souza Mendes<sup>14</sup>,

Na verdade quando eu conheci o grupo era só um grupo de animação, de reunião, de falar de Deus, mas não tinha aquela ação, mas depois que o grupo foi crescendo a gente viu a necessidade, que o grupo tinha que trabalhar.<sup>15</sup>

As atas iniciais do referido grupo jovem traz temas que comprovam esta ideia, “a importância da caridade”<sup>16</sup>, “importância da fé”<sup>17</sup>, dramatização com o tema “o bom samaritano, a qual nos levou refletir sobre a nossa atitude diante do próximo”<sup>18</sup>. Ratificando a ideia de que inicialmente, estes jovens buscavam a religião, espiritualidade, valores cristãos ou até mesmo suprir a cobrança dos pais.

... Tínhamos uma formação religiosa rigorosa, principalmente no meu caso, onde a gente rezava pra dormir e acordava pra rezar (risos). Eu morava na zona rural, vim para Riachão do Jacuípe trazendo comigo toda a bagagem da catequese doméstica que meus pais mim davam. E, com basicamente toda doutrina católica na cabeça, no coração e ne todos os poros do corpo, então a gente respirava religião...<sup>19</sup>

<sup>11</sup> Idem, op. Cit.

<sup>12</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>13</sup> Ata de apresentação do grupo Jovem DDD de 25/04/1987

<sup>14</sup> Funcionário público municipal. Segundo grau completo. Começou a participar do DDD em 1988.

<sup>15</sup> Entrevista concedida dia 26/08/2013

<sup>16</sup> Ata do grupo Jovem DDD de 25/04/1987

<sup>17</sup> Ata do grupo jovem DDD de 02/05/1987

<sup>18</sup> Ata do grupo jovem DDD de 09/05/1987

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Vital Martinho Carneiro de Oliveira em 27/08/13

Assim, fica notável que a motivação do jovem em estar neste espaço, principalmente nesta segunda metade da década de 1980 e início de 1990, advinha principalmente de suas histórias de vida, da cobrança religiosa na família. Segundo Vital Martinho Carneiro de Oliveira, dos exemplos que seus pais deram de valores ele chegou a julgar que o de mais sublime era a religião, ressaltando que apesar de ter tido essa formação rigorosa, ele é veemente em dizer que “tem muita gente séria dentro da religião, mas religião hoje não mim diz muita coisa” e que “a única coisa que ficou de saldo é o trabalho da pastoral da juventude, que eu vi que eu vivenciei que eu experimentei e vivi”<sup>20</sup>. Ainda em relação ao papel da família, também atesta a entrevistada Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira, em entrevista quando diz ter sido levada para o grupo por sua irmã mais velha. Ainda acrescenta uma entrevistada, que prefere não ser identificada, que era um trabalho que ela se identificava, pelo fato dela não sair muito de casa, sendo esse espaço religioso seu meio de atuação.

Observo que mesmo os que foram chegando depois, quase sempre a família era o elo, como é o caso de Elísio Guimarães Carneiro<sup>21</sup>, “Minha mãe, meus irmãos, minha mãe é muito católica”<sup>22</sup>

Nas atas vê-se que as reuniões do DDD aconteciam semanalmente, aos sábados, das 19h30min as 21h00min horas, tendo ainda os encontros esporádicos, como dias de formação em comunidades rurais, encontrões, viagens a outras cidades, como veremos mais adiante.

As reuniões semanais geralmente tinham o seguinte roteiro: Oração Inicial, Boas Vindas aos membros e visitantes, apresentação do tema do encontro (geralmente se tinha uma dramatização, uma dinâmica para introduzir este tema), leitura do evangelho e reflexão partilhada, brincadeira (momento de descontração, risos), avisos finais e Oração Final com confraternização através do abraço, além dos cantos que intermediavam estes momentos.

O grupo elegia uma coordenação, que ficava determinado período à frente das atividades, geralmente um ano ou dois. Porém, as atividades que compunham a reunião eram realizadas de maneira diversificada, não ficando só a cargo da

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida em 27/08/13

<sup>21</sup> Marceneiro, empresário. Segundo grau completo. Começou participando do MDDD (Grupo que era para menores de 15 anos, tinha uma caminhada, segundo Elísio, idêntica a da Pastoral da Juventude). E início da década de 1990, quando completou 15 anos, começou a participar do DDD.

<sup>22</sup> Entrevista concedida dia 26/08/13

coordenação (todas estas informações encontram-se nas atas do DDD). Esta metodologia das reuniões segue o mesmo roteiro dentro do período aqui analisado, mesmo os grupos que vão surgindo posteriormente.

Dentre tantos posteriores, foi possível registrar como fruto também desta época, o TSDI – Trabalhando a Serviço de Deus e dos Irmãos, grupo jovem que teve como fundadora Jucineide Costa Silva Santana<sup>23</sup>, que era moradora da Quixabeira Grande, comunidade da Zona rural de Riachão do Jacuípe e vinha para os encontros do DDD e pegava “referência para o TSDI”. O DDD também colaborou e incentivou a criação de outros grupos jovens na sede como, o JRC (1990) – Jovens Reunidos em Cristo - que não se manteve vivo por muito tempo. Os demais grupos que foram surgindo serão elencados mais a frente, devido o contexto de cada um.

Além de auxiliar o surgimento de novos grupos,

Aos poucos, o grupo DDD crescia e englobava mais gente, tinha sábado que tinha 50 pessoas e aí quando foi ampliando ele chegou a ter umas 200 pessoas, e foi dividido em DDD1, DDD2, DDD3, reunindo se no mesmo local só que em salas diferentes, afirma Fátima Maria. A razão desta divisão foi a grande quantidade de participantes, afinal, “era impossível ter uma reunião com esse tanto de gente.” (SILVA, 2009, p. 20).

Segundo Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>24</sup>, comentando essa experiência dos subgrupos, “foi até bom porque a gente foi despertando nossas lideranças e em cada uma dessas salas tinha uma pessoa coordenando ali o trabalho, porque ele cresceu bastante”<sup>25</sup>. Assim, ao final da década de 1980 e início da de 1990, o grupo jovem DDD ia dando seus primeiros passos, falando de drogas<sup>26</sup>, da necessidade de fazer o bem constantemente<sup>27</sup>, De acordo com a ata de número vinte e três do dia 30/10/1987, neste dia houve uma “votação de temas para palestras em futuras reuniões” e assim no decorrer das atas são perceptíveis estas palestras no grupo como: “Palestra com Doutor Gilson com o tema Drogas e AIDS”<sup>28</sup>, palestra com o tema aborto com Doutora Rosa Gordiano<sup>29</sup>.

<sup>23</sup> Pedagoga. Superior completo. Participou da fundação do DDD e coordenou a Pastoral da Juventude Rural em Riachão do Jacuípe na década de 90.

<sup>24</sup> Idem, op. cit.

<sup>25</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

<sup>26</sup> Ata do DDD, de 23/05/1987.

<sup>27</sup> Ata do DDD, de 13/06/1987.

<sup>28</sup> Ata do DDD, de 21/11/1987.

<sup>29</sup> Ata do DDD, de 19/03/1988.

Passado quase dois anos de fundação do grupo DDD, não se encontra registros nas atas do tema política, visto ser o mais abordado em décadas posteriores. Este tema só aparece depois de três anos de origem do DDD, na ata de número 113 de 09/09/1989, onde consta:

A seguir fugindo da rotina foi, feita uma palestra de conscientização política aos jovens, pelo irmão Antônio Normando Carneiro de Oliveira, que falou sobre a importância do voto aos dezesseis anos. Logo após foi feita uma pequena reflexão sobre a palestra, onde surgiram algumas perguntas, feitas pelos jovens, onde tiveram as respostas.

Não por acaso se vivia o período da redemocratização do país, sendo que aconteceria a eleição presidencial no corrente ano, além de estar tendo mobilizações pelo voto aos dezesseis anos. Pode-se perceber que os temas, mesmo que nesse período inicial, estão conectados a realidade, problemáticas do jovem, não se limitando somente ao caráter religioso.

Ainda de acordo com as atas, foram realizadas diversas palestras como ateísmo, a importância da missa, sacramento, dentre outros.

Segundo a entrevistada Jucineide Costa Silva Santana<sup>30</sup> este protagonismo do jovem católico em Riachão do Jacuípe se dá a partir do momento em que começaram a surgir os grupos de jovens na segunda metade da década de 1980, onde ainda não havia esse entendimento a nível municipal do que era a pastoral da juventude. Por isso a escolha do título deste capítulo o caminho se faz caminhando, onde de acordo com alguns depoentes, a exemplo de Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>31</sup>, não se tinha ideia do caminho a trilhar,

No início, na verdade, a gente não sabia muito o que ia enfrentar. O caminho se faz caminhando. A gente foi porque precisava. Pela nossa consciência tinha aquela cobrança de que tinha que frequentar a igreja, tinha que ser religioso então a gente vai. Quando você começa a frequentar você percebe que tem algumas coisas ali que estão fora da linha, fora daquilo que a gente julga como correto, como coerente e aí a gente não quer compactuar com isso, porque jovem é muito questionador, jovem tem o sonho de construir o mundo melhor<sup>32</sup>.

Com já foi visto anteriormente, a família tinha um papel relevante para o filho começar a participar do grupo jovem. Parece que os pais se sentiam confortáveis em ter os filhos no ambiente religioso. Então, por essa lógica, especialmente neste

---

<sup>30</sup> Idem, op. cit.

<sup>31</sup> Idem, op. cit

<sup>32</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

momento inicial em que vão surgindo os grupos de jovens em Riachão do Jacuípe, estes jovens “não sabiam muito o que iam enfrentar”. Acredito que esta fala de Vital, o caminho se faz caminhando, sinaliza o aprendizado que foi se adquirindo ao longo da história da pastoral da juventude, até mesmo da consciência de um todo, de uma pastoral já organizada a nível nacional. No decorrer do caminho da PJ em Riachão, estes jovens, segundo os depoentes, começaram a questionar algumas posturas da igreja, da política, extrapolando o sentido religioso a qual primeiramente se pensava como grupo de jovem.

Mas antes de adentrar nestas questões, que culmina com a concretização do entendimento de pastoral da juventude em Riachão, é necessário trazer aqui a participação dos jovens do DDD em eventos a nível regional, que, segundo depoentes, foram importantes para o amadurecimento do grupo. Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>33</sup> aponta que nesse período do início da década de 1990, a partir da chegada de padre Silvino é que começaram a ter contato com a diocese e aprofundar o conhecimento do que é a pastoral da juventude: “Nós passamos a perceber na prática, que existe uma diocese que coordena o trabalho pastoral”. Consta em ata que “terminando o momento livre foram feitos comentários sobre o encontro diocesano de juventude”<sup>34</sup>, sendo que na época a paróquia fazia parte da diocese de Feira de Santana.

Segundo Marinélia Silva (2010), no início da década de 1980 a diocese de Feira de Santana intensificou o movimento de setores que preconizavam distanciamento de uma liturgia conservadora e que se aproximavam de uma evangelização libertadora.

Encontra-se ainda registrado na ata do DDD do dia 25/03/1989 a presença dos irmãos (termo muito utilizado nas atas, porque segundo alguns depoentes, o grupo era visto como uma família) Jackson e Ludinalva da PJMP (já citada aqui) de Feira de Santana, onde os mesmos fizeram o convite de um encontro que iria acontecer no corrente ano.

De acordo com as atas, foram inúmeras as viagens realizadas para promover o DIF (Dia de Integração e Formação) em outras cidades vizinhas: Humildes, Ichú, participação do grupo no DNJ (Dia Nacional da Juventude), dentre tantos outros

---

<sup>33</sup> Idem, op. cit.

<sup>34</sup> Ata de número 18 de 19/09/1987

locais que acompanharam a trajetória do DDD e da posterior Pastoral da Juventude, como coloca Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira.<sup>35</sup>

Ai um colhia daqui, nós participávamos de encontros em várias localidades... Padre João levava a gente assim, nós tínhamos encontros em Feira de Santana, tínhamos encontros em Santa Bárbara, Pé de Serra, Capela do Alto Alegre. A gente fazia assim realmente um percurso pela região. E aí a partir destes textos que a gente encontrava lá e acabava sendo assim, um transmissor, a gente via lá e trazia pra cá.<sup>36</sup>

Também fruto de um destes encontros regionais em outras cidades foi o CAJ (Curso de Aprofundamento para Jovens), já citado aqui na introdução, como aponta Marcos José,

O grupo, no ano de 1987, começou a organizar o Curso de Aprofundamento para Jovens – CAJ... “Esse curso foi trazido para Riachão por meio de pessoas que participaram desse curso na cidade de Conceição do Coité-BA, incentivado pelo padre João Ednalvo, pároco em Riachão na época” (SILVA, 2009, p. 20).

Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira<sup>37</sup> é uma das integrantes que fez o CAJ em 1986 e participou da primeira equipe formada na cidade de Riachão do Jacuípe. Ela relata: “Eu já fui fruto do CAJ. Então na verdade já foi um modelo que a gente importou só que aqui a gente aprimorou (risos)”<sup>38</sup>. Foi perceptível nesse, como na maioria das outras entrevistas o saudosismo dos momentos vividos, o lembrar dos nomes de pessoas que viveram estes momentos, a emoção presente no decorrer da entrevista. Presente também na fala de Jucineide Costa Silva Santana<sup>39</sup> ao lembrar o CAJ,

Não era importante você só tá ali naquele Cristo europeu, branco, de cabelos longos e que respondesse suas expectativas com você quietinho, silencioso e dizendo que tudo estava bem... Existia o Cristo negro<sup>40</sup>.

A entrevistada lembra um dos momentos do CAJ, que segundo outros depoentes era muito forte, pelo fato de através da poesia “Deus Negro”, os jovens do grupo jovem DDD e posterior PJ, tentarem desconstruir a imagem de um Deus branco europeizado, portanto, condicionado a disseminar preconceitos. A poesia

<sup>35</sup> Idem, op. cit.

<sup>36</sup> Entrevista concedida 02/09/2013

<sup>37</sup> Idem, op. cit.

<sup>38</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>39</sup> Idem, op. cit.

<sup>40</sup> Entrevista concedida dia 24/08/2013

relata a vida de uma jovem cheia de preconceitos que ao morrer depara-se com um Deus negro, diferente do imaginado por ela. Encontra-se na pasta do CAJ e segue algumas estrofes:

Eu, detestando pretos. Eu, sem coração. Eu, perdido num coreto gritando: “separação”. Eu, você, nós, nós todos, cheios de preconceitos, fugindo como se eles carregassem lodo, lodo na cor. E, com petulância, arrogância, afastando a pele irmã... Deus decepção. Deus na cor que eu não queria. Deus cara a cara, face a face. Sem aquela imponente classe... Deus simples. Deus Negro. Deus Negro?... E eu, racista egoísta... Meu Deus você é negro que decepção!... Deus pregaram você na cruz e você me pregou uma peça. Eu me esforcei a beça em tantas coisas, e cheguei até pensar em amor, mas nunca pensei em adivinhar sua cor<sup>41</sup>.

O entrevistado Elísio Guimarães Carneiro<sup>42</sup> diz a respeito das poesias que “tocava a alma, tocava o que o jovem mais sentia de profundo. Ele conseguia vislumbrar um deus humano”<sup>43</sup>. Segundo Jucineide Costa Silva Santana<sup>44</sup>, o grupo jovem DDD além de tentar desconstruir preconceitos, tinha como meta neste momento inicial se aproximar das pessoas, buscando “sentir o sofrimento do povo”. Segundo a depoente, ao sair da reunião do grupo o jovem “tinha tarefa pra casa, ir aos bairros, descobrir pessoas que precisavam de melhorias, visitar os presos”<sup>45</sup>.

Gildevan Souza Mendes<sup>46</sup> relata com alegria sua experiência na feira livre da cidade, onde saía pela manhã com outros componentes arrecadando alimentos para doações a um grupo de idosos e para demais pessoas necessitadas e fala das amizades que fez com os barraqueiros por conta disso. Relata o mesmo: “Às vezes as pessoas me perguntavam, mas é toda semana? Eu digo: é gente, os velhos comem todo dia (risos)”<sup>47</sup>.

Esta necessidade de ajudar ao próximo está registrada nas atas, como a de número 26 do dia 21/11/1987, onde “fez-se um debate a respeito da compra dos óculos para uma menina”, “natal das crianças carentes”<sup>48</sup>, onde arrecadou-se brinquedos para distribuir entre as crianças. Segundo a fala de Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira<sup>49</sup>, em fins da década de 1980 os municípios de Riachão do

<sup>41</sup> Poesia encontrada na pasta do CAJ

<sup>42</sup> Idem, op. cit.

<sup>43</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>44</sup> Idem, op. cit.

<sup>45</sup> Entrevista concedida dia 02/09/2013

<sup>46</sup> Idem, op. cit.

<sup>47</sup> Entrevista concedida em 26/08/13

<sup>48</sup> Ata de número 29, do dia 19/12/1987.

<sup>49</sup> Idem, op. cit.

Jacuípe passavam por momentos difíceis, como já foi citado aqui, e o grupo via este trabalho assistencial como meio de aproximação desta realidade,

Quantas campanhas nós fizemos de arrecadar alimento, roupas. Íamos para os bairros carentes fazer trabalho de evangelização e de tentar ajudar tirar o povo da miséria que era muito forte naquele período<sup>50</sup>

Interessante destacar que esta visão de “tentar ajudar tirar o povo da miséria” foi se modificando ao longo da história da PJ. Segundo Edney Cana Brasil, nestes três primeiros anos do DDD “éramos jovens idealistas que queríamos mudar a cara de Riachão, mas sem pensar no véis político”. Se para ela que participou do DDD até 1989 e demais contemporâneos de sua época isso era bastante significativo, para os jovens que foram chegando depois, ou para os que continuaram no grupo, o meio de transformar essa realidade só seria possível via ingresso na política partidária, motivo pelo qual as campanhas que sanavam as dificuldades imediatas de alguns necessitados foram sendo abandonadas.

Interessante destacar a atuação do DDD também para com a relação de poder entre a paróquia e a política municipal. Neste período do final da década de 1980 e início da década de 1990, tinha-se como pároco o padre Severino Claudio Sobrinho, que segundo Marcos José (2009) assumiu os trabalhos da paróquia, auxiliado pelo padre João Ednalvo a partir de 1985,

Nessa época, conforme as entrevistas, a prefeitura fornecia alimentação dos padres e seminaristas, pagava os funcionários da casa paroquial, forneciam combustível para o veículo da paróquia, pagava o motorista, dentre outras contribuições. (SILVA, 2010, p. 104).

Percebe-se que neste período a paróquia era dependente do poder político municipal, que, em troca, tinha seus nomes exaltados no altar da igreja,

Sempre que tinha oportunidade, padre Severino solicitava e agradecia em público a colaboração do prefeito e dos vereadores da cidade em tais obras. Ao que parece o pároco não se preocupava em disfarçar as negociações. No seu pronunciamento os políticos foram construídos como “batalhadores incansáveis”, deixando a entender que o padre agia de forma escancarada e exagerada (SILVA, 2010, p. 106).

Interessante ressaltar o fato de que dos primeiros anos da existência do DDD, não há indícios de ações contrárias adotadas pelo grupo a prática do padre, e como

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida dia 02/09/13

coloca Marinélia Silva, vivia-se um aparente tempo de harmonia entre as partes e os paroquianos. Porém, é preciso ratificar que agindo de tal maneira o pároco contribuía para mascarar as dificuldades vividas pelos moradores da cidade.

Porém, a partir de início da década de 1990 e de contatos e experiências com outros grupos, a exemplo da PJMP, alguns membros foram trazendo novas discussões para o DDD, abrindo o leque de possibilidades temáticas, a exemplo de Jucineide Costa Silva Santana<sup>51</sup> que aparece na narrativa de Marinélia Silva (2010) como uma das participantes da primeira Escola de Leigos Diocesana em fins da década de 1980 e início da década de 1990, sendo que a partir daí se intensificou o trabalho pautado na doutrina social da igreja, com um novo jeito de “ser igreja”. Segundo a autora e os entrevistados, a escola diocesana foi uma oportunidade ímpar na história do DDD e da posterior pastoral da juventude.

Em entrevista a Marcos José, Vital Martinho aponta que em contato com a PJMP ele começou a vivenciar aquelas novidades e a perceber outras coisas que até então não enxergava, tanto que ele foi um dos disseminadores dessas novidades no DDD,

E um dia dentro de uma reunião do DDD, eu provoquei uma discussão, depois do evangelho... Acho que em 1991, então eu questionei: Vocês acham correto padre se envolver em política, falar de política, aí foi um alvoroço, quase todo mundo foi unânime em dizer que religião e política não se misturam... Então eu perguntei: vocês acham certo, se política e religião não se misturam, então porque há anos o padre dia de domingo coloca o prefeito em cima do altar e manda todo mundo aplaudi-lo porque deu esmolas para a igreja e ninguém nunca percebeu que isso é política, que isso é uma coisa partidária? (SILVA, 2009, p. 35).

Observa-se que o grupo não está mais alheio a realidade da paróquia nem tampouco do município. De acordo com as atas, os tempos iam mudando e moldando o espaço pensado enquanto grupo de jovens católicos em Riachão do Jacuípe. Isto é notável até mesmo nos cantos, que de início eram de conteúdos somente religiosos e que posteriormente passaram a falar da realidade e da vida do povo, entoados por cantores profanos.

Além disso, o grupo DDD passa a ter um olhar mais voltado para a realidade, como é perceptível na ata de número 188 de 10/08/1991, onde surgem os seguintes questionamentos: Que tipo de trabalho você gostaria que o grupo realizasse, além da espiritualização? Com é o grupo dentro da sociedade de Riachão do Jacuípe, seu

---

<sup>51</sup> Idem, op. cit.

posicionamento nas diversas camadas? O grupo corresponde com a realidade da juventude jacuipense? Observa-se que o grupo, além de estar aberto a participação de todos na construção de prioridades, traz a realidade jacuipense para ser pauta na reunião.

Assim no início da década de 1990 vão aparecendo novas discussões nas atas do DDD,

Dando continuidade foi assistido atentamente por todos um filme em vídeo cassete contando a vida de Dom Oscar Romero com a sua vida e morte por causa dos pobres sem terra... Depois de todos terem assistido o filme fizemos uma reflexão sobre o filme a situação do Brasil atual, sobre a Reforma Agrária.<sup>52</sup>

Aos poucos o grupo ia alçando novas discussões e colocando-se de frente aos problemas sociais. E começava a questionar as relações de poder que há anos predominava no cenário político e religioso da paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe. Segundo uma entrevistada, que prefere não se identificar, o grupo passou a ser nesse período de início da década de 1990, um espaço propício para:

Conscientizar o jovem de que ele precisava atuar na sociedade, que ele era um membro, era um cidadão e que precisava tomar consciência dos seus direitos e deveres, então era um grupo que trabalhava muito o social com os jovens.<sup>53</sup>

Agora, já incomodados com a postura do padre Severino, jovens do grupo DDD começaram a contestar, e segundo Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>54</sup> “nós começamos dentro desse grupo a fazer vários questionamentos que nos colocou em terríveis conflitos com o pároco da época”<sup>55</sup>. Segundo Marinélia Silva,

Há indícios de que durante a permanência de pároco Severino na administração da paróquia de Riachão do Jacuípe existia um ativo grupo de jovens católicos na cidade, orientados pelo padre João Ednalvo, que já tinham despertado para os problemas sociais da comunidade. Estes insatisfeitos com o trabalho do responsável pela paróquia requisitavam sua substituição. (SILVA, 2010, p. 116).

Os problemas que a comunidade vinha enfrentando, segundo Vital Martinho, eram suficientes para questionar a postura de padre Severino, de subserviência ao prefeito em troca de regalias já relatadas aqui,

<sup>52</sup> Ata do DDD de número 195, do dia 05/10/1991.

<sup>53</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>54</sup> Idem, op. cit.

<sup>55</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

E esse mesmo prefeito que fazia isso estava com cinco seis meses com o salário do funcionário público atrasado. Isso em final da década de 80 a meados da década de 90, aonde a inflação neste país chegou a 90, 95,98%. Então imagine com a inflação desse jeito e a pessoa passar cinco meses de salário atrasado. Detalhe, não se pagava salário naquela época... Então naquela época tinha funcionário que ganhava um décimo do salário mínimo numa condição dessas<sup>56</sup>

A partir de então, o grupo jovem DDD, com a liderança de alguns de seus membros começou a questionar a imagem de “santo” do prefeito da época, que passava pela aprovação do padre e a partir daí começa a questionar os atos de irregularidades cometidos pelos políticos locais e contestar a postura submissa do pároco da época,

Então a gente começou a questionar essas coisas dentro da igreja e ai o padre e as “ovêlhas”, principalmente, aquelas beatas ferrenhas que não suportam a igreja voltada para a atualidade e sim voltada para a tradição, que sempre foi assim, então as pessoas resistiam muito. Mas nós conseguimos mesmo quebrar um pouco esse pensamento e tivemos grandes, grandes vitórias, que eu acho que Riachão evoluiu muito com esse trabalho<sup>57</sup>.

Segundo Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>58</sup>, esses movimentos de contestação à prática do pároco foram ganhando dimensão e foi chegando ao conhecimento dos superiores hierárquicos e começou a se pensar a possibilidade de afastar o pároco da cidade. Vital relembra de um jogral realizado no ano de 1992 que o padre sentou-se com o grupo e escreveu o jogral, mas como o pároco não tinha tempo de ensaiar com eles, os mesmos mudaram a fala e pegou o padre de surpresa no decorrer da missa, o que foi motivo para que o padre proibisse os jovens do grupo de usarem a igreja para seus ensaios,

Não mim lembro muito bem o teor da fala, mas lembro de que era mais ou menos assim, a igreja não pode tocar em política, ao mesmo tempo em que enaltece quem está no poder, a questão do toma lá da cá... Eu entrava com Lane, a gente falava que estava se aproximando um novo ano eleitoral e os políticos já começavam novamente a se achegarem na igreja, esquecer que eles humilharam os pobres a vida inteira, a gente tratava um pouco disso ai, ai Lane chegava, pois é Vital a gente tem que chamar muito a atenção do nosso povo pra não se deixar levar por esse tipo de político que chega à igreja só em período de eleição e que são escalados para fazer palestras, pra fazer reflexões pra simplesmente está em evidencia e as pessoas

<sup>56</sup> Entrevista concedida dia 27/ 08/ 2013

<sup>57</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

<sup>58</sup> Idem, op. cit.

acharem que são cristãos e quando esses mesmos passaram todo mandato deixando o povo sem o seu salário, pagando com cinco meses de atraso.<sup>59</sup>

Enfim, no início de 1992, padre Severino é transferido da paróquia. Como aponta Marcos José (2009, pág. 37), “Nos últimos anos em que permaneceu na paróquia de Riachão, ele conviveu com a oposição que o grupo DDD fazia ao seu trabalho”. Segundo Vital, a transferência é fruto de uma vitória do grupo, Além dos motivos já citados, havia indícios de escândalos morais envolvendo o mesmo e todos esses itens chegaram ao conhecimento da diocese que era feira de Santana na época, e do superior geral dos vocacionistas.

Nesse período, a Pastoral da Juventude a nível nacional já estava consolidada. Segundo Dick (1999), “A efervescência é grande, a abertura política da Pastoral é clara, a identidade parece definida, mas – como sempre – vão surgindo nuvens e discussões.” Entretanto, segundo os depoentes, a nível local havia apenas grupos de jovens.

Em 12 de janeiro de 1992, “leu-se a provisão de Pe. José Silvino dos Santos como vigário paroquial” (Silva, 2010). Os dez entrevistados para este trabalho foram unânimes em ressaltar a contribuição de padre Silvino para a consolidação da pastoral da juventude. Mesmo aqueles que chegaram depois disseram ter conhecimento da atuação do padre com a juventude católica da época. Segundo os entrevistados, padre Silvino foi o que mais trabalhou a importância da atuação do jovem na sociedade. Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira<sup>60</sup> aponta que

Silvino teve uma participação muito atípica na igreja, fugiu a tudo que a gente esperava, do que a gente tinha visto de igreja. A ideia, a questão de política de que as pessoas não deveria se meter em política, muito pelo contrário Silvino trouxe isso para Riachão. Antes de padre João eu também tive contato com outros padres, a questão de padre Hélio que era forte né, a questão política, o puxa-saquismo, então Silvino mesmo, para um divisor de águas mesmo, separou isso tudo... Era uma pessoa que tinha muita leitura e estava consciente do que estava fazendo<sup>61</sup>

Elísio Guimarães Carneiro<sup>62</sup> é enfático: “eu digo que a nossa cidade de Riachão do Jacuípe é uma antes e depois de José Silvino... Ele deu todo apoio,

---

<sup>59</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

<sup>60</sup> Idem, op. cit.

<sup>61</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>62</sup> Idem, op. cit.

moral, político, civil a pastoral da juventude”<sup>63</sup>. Ao que parece, ambos, Silvino e o grupo DDD, logo a pastoral da juventude buscaram apoiarem-se um no outro. E aos espectadores?

Aos cristãos católicos jacuipenses seriam dada a oportunidade de aprender a ler o mundo ao seu redor de forma diferenciada, com significados distintos do que tinham ouvido e praticado durante boa parte de suas vidas (SILVA, 2010, p. 125).

Apona Marinélia Silva que padre Silvino enfatizava, frequentemente em suas celebrações que estavam colocando em prática os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja<sup>64</sup>. Segundo o depoimento de Vital Carneiro “a gente viu que tinha que balançar essa sociedade e aí a gente vai pegar os textos bíblicos, Paulo, Romanos “Não as acomodeis com as estruturas desse mundo, mas transformai-as”<sup>65</sup> Então é notório que as práticas do grupo jovem contavam agora com o apoio do padre. Segundo Marcos José (2009), “Padre Silvino chegou à paróquia Nossa Senhora da Conceição e atuou como auxiliar até 1992. Nesse período ele assumiu os grupos de jovens da paróquia e assumiu os trabalhos da Campanha da Fraternidade em 1992”. Ano promissor para a pastoral também a nível nacional,

1992 foi um ano abençoado para a Pastoral da Juventude pelo fato de a juventude ser tema da Campanha da Fraternidade. O lema foi “Juventude, Caminho Aberto” A juventude foi discutida em toda parte e o texto base possibilitou um conhecimento amplo do que é a Pastoral da Juventude. Foi uma forma providencial de levar as lideranças a se darem conta de que os debates internos não podem esquecer os desafios de milhões de jovens que não pertencem a grupo nenhum e não sabem nada do que seja a Pastoral da Juventude (DICK, 1999, p. 37).

A nível local, os depoentes ressaltaram que foi uma ano grandioso na história dos jovens da paróquia de Riachão. Como aponta Elísio Guimarães Carneiro<sup>66</sup>, “no ano de 92 especificamente foi engrandecedor pra todos os jovens que ali estavam.

<sup>63</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>64</sup> Como Leonardo Boff declarou, a teologia da libertação é, ao mesmo tempo, o reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre ela. Mais precisamente, é a expressão/legitimação de um vasto movimento social, que surgiu nos anos 1960 – bem antes das novas obras de teologia. Esse movimento compreendia setores significativos da igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, jovens trabalhadores cristãos), intervenções pastorais de base popular (pastoral operária, pastoral camponesa, pastoral urbana) e as comunidades eclesiais de base. Extraído de: Löwy, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

<sup>65</sup> Entrevista concedida por Vital Martinho Carneiro de Oliveira, onde ele se refere ao texto bíblico de Romanos, cap. 12, vers. 2.

<sup>66</sup> Idem, op. cit.

Durante toda a campanha da fraternidade, o estudo do texto base, tudo era formador”.<sup>67</sup>

Percebe-se em algumas atas uma discussão aprofundada a respeito do tema da CF. Vê-se na ata de número 214 do dia 29/02/92,

A reunião teve como objetivo o primeiro tema da CF 92, Convocados a conhecer o próprio corpo. Em seguida a coordenadora Lane convocou a todos conhecer nossa realidade, quem somos, onde moramos, o que sentimos... Saindo de nós mesmos e indo ao encontro do outro, para que sentíssemos um corpo pessoal e social, o corpo juventude. Foi distribuído papel, lápis e um espelho para que todos observassem suas características e o que elas transmitiam.

Notório é o registro nas atas que aponta a presença constante de Pe. Silvino nas reuniões do grupo jovem DDD, dando suporte, promovendo estudos. No segundo encontro da CF, de acordo com a ata de número 216 do dia 14/03/1992, que teve como tema: Convocados a vida e a fraternidade, dividiu-se em grupos para estudo a partir de uma leitura da história da águia,

O primeiro grupo refletiu sobre a história da águia. O segundo grupo comentou o que a águia pode simbolizar. E o terceiro grupo falou sobre o que acha da luta pelos direitos humanos e da luta pela ecologia. Padre Silvino fez um breve resumo dos três grupos e cantou “O que é o que é”, celebrando a vida.

A entrevistada Luzia da Silva Oliveira<sup>68</sup> diz que começou a participar do DDD em 1992 em um desses encontros da Campanha da Fraternidade, relata;

Eu comecei em 92 e o pároco era José Silvino, aonde ele veio impulsionar, da todo esse avanço a pastoral da juventude e deu todo apoio. Não é a toa que a base concreta começou ali. Pastoral da Juventude nasceu nas mãos do nosso grande pároco e eterno José Silvino nessa época e assim ele foi dando apoio<sup>69</sup>

Alguns dos depoentes relatam que foi a partir da chegada de padre Silvino que eles passaram a ter noção da existência da pastoral da juventude. Coloca Gildevan Souza Mendes<sup>70</sup>,

Eu também fiz parte da criação da Pastoral da Juventude, que cresceu muito em meados de 90,89 e quando chegou o padre Silvino, deu uma

<sup>67</sup> Entrevista concedida dia 26/08/13

<sup>68</sup> Funcionária pública, além de coordenar o grupo jovem DDD, foi também coordenadora da PJ no início da década de 2000.

<sup>69</sup> Entrevista concedida dia 02/09/13

<sup>70</sup> Idem, op. cit

alavancada aqui na pastoral da Juventude. Ele que realmente começou a estruturar, ele cobrava muito a presença dos jovens, deu muito espaço para a gente trabalhar<sup>71</sup>.

Chama atenção uma reunião que aconteceu dia 04/04/92 registrada na ata de número 219, a técnica foi à construção do quebra cabeça com o objetivo de experimentar a força e a necessidade de se organizar em grupo, com as seguintes perguntas: “Quais os problemas que tiveram para construir e montar o quebra cabeça? O que o quebra cabeça nos ensina na organização? Organização por quê? Para que?” Após ter dividido em grupo e partilhado as respostas o coordenador Lael “fez comentários explicativos sobre a dinâmica e sua relação com o grupo, chamando a atenção para o fortalecimento do mesmo”.

Interessante que a nível nacional estes primeiros anos da década de 90, segundo Pe. Hilário Dick (1999) entrou também para história da Pastoral da Juventude como o ano do “avaliar para avançar”.

Trabalhando desta forma, o grupo jovem DDD ganhou notoriedade dentro da sociedade jacuipense e atraía jovens da comunidade para o grupo. Tanto que em 30/10/1992, de acordo com a ata de número 238, padre Silvino lançou um estudo sobre a quantidade exata de participantes que o grupo deveria ter, com objetivo de crescer e amadurecer. Visto que, como já foi colocado aqui, o grupo jovem foi dividido em três subgrupos pela quantidade de participantes que estavam frequentando as reuniões.

Discutimos o assunto e chegamos a uma conclusão. Isto pode surgir polêmica entre o grupo, mas só há uma solução, aceitando os visitantes e orientando para participar do CAJ. Sendo que após o CAJ será fundado um grupo e os mesmos deverão participar.

Então, segundo Marcos José (2009), “em 1992, depois do CAJ Silvino e os jovens do DDD criaram outro grupo, com os jovens que participaram desse curso, chamado Shalom”. Coloca José Avelange Oliveira Mota<sup>72</sup>, “O grupo é oriundo do DDD, onde o mesmo estava com grande número de participantes e Padre Silvino sugeriu ou determinou a divisão do grupo e então daí se originou o grupo de Jovem

---

<sup>71</sup> Entrevista concedida dia 26/08/13

<sup>72</sup> Professor e fez profissionalização em terapia holística. Nível superior completo. Começou a participar da PJ através do grupo jovem Shalom em 1995.

Shalom, inicialmente teria o nome de rebeldes sem causa (risos), depois resolveram mudar”<sup>73</sup>.

## 2.1 1992- CONSOLIDAÇÃO DA PASTORAL DA JUVENTUDE LOCAL: SURGIMENTO DE NOVOS GRUPOS, CONFLITOS E O PROJETO MANDATO POPULAR EM 2004.

No decorrer da fala dos entrevistados que viveram esse período da década de 90, percebe-se a importância dada aos acontecimentos de 1992, que contribuíram para o entendimento pastoral dos grupos de jovens já existentes e a criação do grupo de jovens Shalom. De acordo com a entrevistada Jucineide Costa Silva Santana<sup>74</sup>, até este ano, existiam atividades realizadas em integração com os grupos jovens TSDI, JRC, e o recém-criado Shalom, mas sem noção de fazerem parte de uma pastoral já organizada nacionalmente, tampouco de uma coordenação geral a nível local. Segundo Jucineide Costa Silva Santana<sup>75</sup>, “Era uma pastoral, mas a gente não se percebia enquanto tanto”<sup>76</sup>, sendo que foi a partir destes grupos e de estudos como o da CF 92 já citados aqui que se configurou e se consolidou a Pastoral da Juventude da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Em se tratando da atuação de padre Silvino e das novas discussões que foram surgindo na década de 1990, nos grupos de jovens da já formada Pastoral da Juventude, Elísio Guimarães Carneiro<sup>77</sup> coloca:

Então, por exemplo, um jovem que ingressava na PJ e que passava pelos processos de formação contínua, que ao longo dos anos a espiritualidade dele necessitava que ele fosse pra muitos horizontes e esses horizontes geralmente se chocava com a caminhada da paróquia. O jovem principalmente o da década de 90 ele vislumbrava também a política, por causa da sua formação acelerada. A PJ não tinha como ideal formar o jovem pra política, mas a caminhada de acordo com os temas que a gente ia trabalhando, a gente sentia uma indignação muito forte perante as injustiças sociais. E isso requer uma participação na política. Não na política partidária, mas a gente começou a tocar nas feridas da sociedade. E por vezes a paróquia tinha seus enlances com essas feridas. E quando se falava chocava muita gente. Muitos líderes de pastorais por vezes eram muitos omissos a essas feridas. E quando a PJ começou a cutucar essas coisas, foi um espanto. Mas assim o que nos alegrou e alegre são alguns líderes, alguns religiosos que tem uma visão mais aberta. Eu posso citar o padre Silvino, que foi um baluarte para a comunidade, era um sacerdote, é ainda

---

<sup>73</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013

<sup>74</sup> Idem, op. cit.

<sup>75</sup> Idem, op. cit.

<sup>76</sup> Entrevista concedida dia 24/08/2013

<sup>77</sup> Idem, op. cit.

com uma visão muito aberta pra o campo social, que se preocupava com a instituição pela própria hierarquia, mas com uma visão muito aberta para política<sup>78</sup>.

Eis agora outras questões a serem pensadas: Quais os caminhos trilhados pela pastoral até 2004? Nas linhas que seguem de maneira resumida será abordado esta atuação pastoral e o surgimento de novos grupos de jovens em Riachão.

Já foi elencada aqui a diversidade temática abordada pelo grupo DDD nos seus primeiros anos. Isto se estende ao trabalho pastoral. De acordo com as atas, depoentes e vídeos, eram trabalhados temas como namoro, sexualidade, família, drogas, igreja, oração, alcoolismo, dentre tantos. Segundo o entrevistado José Avelange Oliveira Mota<sup>79</sup> “No começo, nessa época aí, nos meados dos anos 1990, os temas era mais voltados para formação mesmo, da personalidade, pra formação da vida pessoal né?”<sup>80</sup>. O entrevistado começou a participar da PJ em 1995 e de acordo com o mesmo, diferentemente do DDD, este grupo, até mesmo pelo fato de ser um grupo recente, estava mais preocupado com a formação humana, o depoente diz que ao entrar no grupo jovem Shalom,

As reuniões eram muito voltadas para desenvolver valores pessoais, humanos, para pessoa relaxar um pouco do seu dia-dia, eventualmente pesado. Realmente a gente se queixava de que fazia falta a consciência social depois deu uma guinada que foi o extremo inverso né? Não se abandonou completamente a mística, não se abandonou completamente o cuidado com o emocional das pessoas, mas isso ficou um pouco em segundo plano e prevaleceu a conscientização social.<sup>81</sup>

Nas palavras de José Avelange Oliveira Mota<sup>82</sup> e de alguns outros depoentes, assim com nas atas do grupo jovem DDD, a conscientização social e política passa a ser intensamente trabalhada pela Pastoral no decorrer da década de 1990. Na ata do grupo jovem DDD de número 299, de 09/07/94 têm-se o estudo da vocação política do cristão com a presença de padre Silvino. Na ata de número 303 de 10/09/1994 têm-se a organização de uma peça com o tema “Votar Consciente” para ser apresentada na missa dominical. Além disso, nesta ata consta o seguinte aviso: “levar para missa um real para pagar a faixa que mandamos fazer para caminhada de conscientização”.

---

<sup>78</sup> Entrevista concedida dia 26/08/13

<sup>79</sup> Idem, op. cit.

<sup>80</sup> Entrevista concedida em 30/08/2014

<sup>81</sup> Entrevista concedida em 30/08/13

<sup>82</sup> Idem, op. cit.

Entretanto, os grupos jovens que iam surgindo buscavam um espaço de fortalecimento de fé, de relações amigáveis, de falar de Deus e, neste sentido, chocava-se com a questão política dentro da pastoral. Um exemplo é o do grupo jovem Rabony , originado em 1998, e outros que surgiram até o ano de 2004 - Junac, Jucac, e El Shaday.

Por outro lado, dentro da pastoral da juventude, a reflexão política é algo que vai ser bastante forte até o ano limite do período analisado: 2004. Por mais que estes grupos que iam surgindo relutassem em abordar tais questões nos grupos de base, existia orientação da coordenação da pastoral local, e também dos subsídios nacionais, a exemplo das cartilhas da CF (campanha da Fraternidade), dentre outros que direcionavam para tal fim. Além disso, os encontros, DIF, cursos, dentre outros eventos que envolviam todos os grupos tinham o foco político, como nota-se nos avisos da ata do DDD de número 355 de 10/02/1996 “encontro da pastoral da juventude dia 31/03 na praça da matriz, que tem por tema: Juventude e Política”.

Segundo alguns depoentes, o jovem que entrava em um grupo deveria ter uma formação gradual. Inicialmente era convidado a participar, conhecer, criar amizades, uma fase de conhecimento pessoal e de proximidade com Deus. Após esse momento inicial, estes jovens adquirem maturidade, entendimento de mundo e de sua atuação para com ele: é a fase de dar testemunho, de militar em prol de uma causa, por uma sociedade melhor. E no caso da pastoral da juventude pensava-se o meio político como meio de concretizar esta luta. Marcos Edney Souza de Miranda<sup>83</sup>, que foi integrante do grupo jovem Shalom, um dos grupos que relutou em trabalhar a questão política na década de 2000, diz que o grupo reagiu de maneira diferente. Segundo ele, “quem estava a frente da coordenação daquele tempo tinha certa resistência em colocar, em se discutir, fazer esta discussão no grupo”<sup>84</sup>. Marcos Edney Souza de Miranda<sup>85</sup> diz se recordar das fases que o jovem e o grupo deveriam passar e ratifica a importância destas,

Eu ainda lembro, tinha os passos do grupo: a infância, a juventude, maturidade. Então acho que se a pessoa entrasse dentro desse espaço, ele compreenderia melhor do que você entrar quando o grupo que já tá numa discussão mais avançada em relação à cidadania, em relação até um projeto político.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> Funcionário público, superior completo. Começou a participar do grupo jovem Shalom em 1997

<sup>84</sup> Entrevista concedida em 31/08/2013

<sup>85</sup> Idem, op. cit.

<sup>86</sup> Entrevista concedida em 31/08/2013

Na segunda metade da década de 1990, muito se falava nos grupos da necessidade de expandir o conhecimento dos direitos e deveres das pessoas para o exercício da cidadania. Um dos meios encontrados foi a criação de um grupo denominado cidadania em ação, como meio de denunciar descasos do poder público municipal, conscientizar a respeito do voto, dentre outras atribuições. Na ata do DDD de número 348 do dia 09/11/95 têm-se: “o irmão Elísio falou sobre o grupo Cidadania em Ação e o irmão padre Ionilton também falou sobre a juventude em ação”. Discussões que aconteciam nos grupos de base, geralmente tendo como eixo central o grupo jovem DDD, iam além das “quatro paredes” do grupo jovem, como coloca Jucineide Costa Silva Santana<sup>87</sup>,

Tivemos aqui na década de 90 o movimento cidadania em ação, que foi extraído da pastoral da juventude. Então a pastoral da juventude rendeu muito. Era um movimento extremamente social e político, nós conseguimos ir as comunidades em época de campanha política, mostrar o povo a forma como se votar, isso era bem mais tímido que agora, mas a gente ainda ia lá, ousava. Nós fomos a Chapada, Vila Aparecida, Sítio Novo, muitos lugares.  
88

Segundo a depoente “era um enfrentamento com a sociedade”, pois nesses lugares aonde iam, falavam da importância de fiscalizar as contas públicas, algo novo para as pessoas. Além de falar, os componentes do movimento, de acordo com a entrevistada: “Fiscalizávamos as contas públicas”, “íamos para a câmara cobrar projetos”. Além disso, ela coloca: “fazíamos cartas esclarecendo ao povo, colocávamos debaixo das portas, isso do movimento cidadania em ação. Não escondido. A gente dava à cara a tapa de fato”<sup>89</sup>. De acordo com Marinélia Silva (2010), Padre Silvino juntamente com a pastoral da juventude, fez manifestações nos bairros pobres da cidade, em que convocava a população a observar e refletir a cerca da realidade local. Vale lembrar que a grande maioria que compunha e criaram o movimento eram membros oriundos da pastoral da juventude, por isso se dizer que o movimento era da pastoral, porém existiam integrantes de outras pastorais. Ainda em relação à ousadia da pastoral da juventude, Marinélia Silva coloca,

Para além do altar, o lugar privilegiado do jovem católico engajado eram as ruas da pequena Riachão, vestindo camisas de Che Guevara, carregando

---

<sup>87</sup> Idem, op. cit.

<sup>88</sup> Entrevista concedida em 24/08/13

<sup>89</sup> Entrevista concedida em 24/08/2013

as bandeiras vermelhas da PJ, fazendo discursos ousados, dramatizações, paródias, pintando o rosto, exigindo mudança, distribuindo panfletos, carregando faixas, mostrando a cara e o corpo numa jinga desaforada. Dessa maneira criticavam o abuso de autoridade e levavam perspectivas e esperança a alguns lugares humildes da cidade e da zona rural (SILVA, 2010, p. 159).

De acordo com as fontes, os caminhos trilhados pela pastoral da juventude da segunda metade da década de 1990 até 2004, mais do que nunca deixavam rastros de uma preocupação social, sob orientação nacional, mas com grande peculiaridade local.

De acordo como o vídeo do IV encontro da Pastoral da Juventude do dia 14/03/99 teve como tema, orientado pela CF, a questão do desemprego. Percebe-se um espaço físico grande e com enorme quantidade de jovens da sede e dos povoados, além de algumas outras cidades presentes. Cantos ligados à luta do povo animam o encontro no decorrer de todo o dia. Percebe-se uma variedade metodológica atrativa, da coreografia que trazia como letra “onde está a liberdade, onde está a igualdade deste país, mãe pátria que só maltrata os seus filhos amados”. Ao jogral em que jovens de variados grupos caracterizados pela heterogeneidade do povo brasileiro declamavam relatando os 500 anos de “descobrimento” do Brasil, destacando a perpetuação da miséria, do trabalho escravo, da falta de emprego, do fanatismo e alienação por sermos o país do futebol e também do carnaval. E dava-se prosseguimento ao encontro com músicas que faziam o povo dançar e refletir as letras das canções.

Em outro momento do mesmo encontro tem-se uma dramatização que atenta que uma sociedade organizada não será explorada. E para refletir o tema central do encontro o jovem Luiz Paulo traz em sua explanação as imensas dívidas sociais do Brasil para com os sem terra, os índios, dentre outras dívidas como na área da educação,

O que é que acontece com a educação? Falta de respeito a pessoa humana, nunca colocada como centro das preocupações...Nunca houve compromisso com a qualidade de ensino...porque numa escola pública hoje, se você reprovar o aluno, o professor é culpado, o professor é punido. Porque o governo federal quer acabar com o índice de analfabetismo da nação. É pura mentira. Não está se acabando o analfabetismo. Tem gente na escola? Tem, mas continua a mesma coisa, multidão de gente alienada, de gente que não sabe o que quer de fato da vida. Isso não é educação, isso é manipulação, isso é exploração... Educação é para cidadania,

educação é para desenvolver em todos o espírito de comunidade, o espírito de bem comum.<sup>90</sup>

É notório o estudo, embasamento, a preparação dos membros da PJ para tratar os temas dos encontros, seja aquele que palestrava, seja o que dançava ou o que dramatizava, existia o empenho em tornar notória e problematizada a realidade e as questões trazidas,

Em 1998 o jornalista e integrante da PJ, José Avelange, produziu o documentário 'O Álbum Jacuipense' – um balanço da história recente do município. Jovens da paróquia protagonizavam na tela, denunciando a estrutura perversa a que os jacuipenses estavam submetidos. Tentavam conscientizar a comunidade da sua responsabilidade para com a construção do reino de Deus na terra. (SILVA, 2010, p.162).

De acordo com os entrevistados, além de tratar de temas sociais e políticos a pastoral deveria buscar meios concretos de interferir diretamente nas decisões do município, por isso muitos viam a infiltração na política como um meio “de buscar a transformação da sociedade agora, para que ela seja justa, fraterna”<sup>91</sup>. Nota-se que a questão política foi se tornando cada vez mais nas discussões em nível de pastoral, como aponta José Avelange de Oliveira Mota<sup>92</sup>,

A partir de 97,98 se intensificou o processo dentro da Pastoral da juventude de desalienar o jovem, digamos assim, aquele jovem que apenas ia rezar agora ele era convidado a pensar também que além da caridade que se fazia, da arrecadação de alimentos que era uma prática comum pra distribuir com as pessoas, se podia atuar de uma forma que essas pessoas a quem a gente estava oferecendo o alimento, não precisassem mais porque teria o trabalho e teria melhores condições de vida.<sup>93</sup>

Assim a pastoral da Juventude foi desenvolvendo um trabalho que fazia a sociedade refletir as estruturas de poder e questionar as atuações do legislativo e executivo municipal. Como coloca Marinélia Silva (2010), “a PJ era assunto na câmara de vereadores – incomodava os ocupantes do poder público municipal.” Segundo a entrevistada Jucineide Costa Silva Santana<sup>94</sup>, a pastoral também foi pioneira em promover debates entre candidatos a prefeito,

<sup>90</sup> Fala de Luiz Paulo (integrante da Pastoral da Juventude), encontrada no vídeo do IV encontro da juventude em 14/03/99.

<sup>91</sup> Entrevista concedida por Vital Carneiro em 27/08/2013

<sup>92</sup> Idem, op. cit.

<sup>93</sup> Entrevista concedida 30/08/2013

<sup>94</sup> Idem, op. cit.

Um ato ousado da pastoral da juventude na época, conseguir montar ali um debate entre políticos, entre candidatos, e a gente viu que isso surtiu muito efeito, inclusive muitas críticas. Os políticos partidários jamais tinham visto isso na cidade, jovens tão ousados.<sup>95</sup>

Vários dos depoentes, inclusive o protagonista, narraram um episódio que marcou esse trabalho de conscientização política desenvolvido pela PJ. Segundo a memória coletiva dos entrevistados, em uma missa de aniversário da cidade em agosto de 1999, Vital Martinho Carneiro de Oliveira ficou designado em fazer a reflexão após a leitura do evangelho. Aproveitando a igreja cheia e o fato de ser aniversário da cidade, Vital Martinho fez uma série de denúncias a respeito de perseguições do atual gestor contra pessoas que não tinham lhe dado o voto, salários atrasados, questionando o que de fato a cidade tinha para comemorar. Segundo Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>96</sup> ele baseava-se na leitura bíblica para refletir a cerca da opressão. Acontece que em meio a sua explanação o prefeito da época (Herval Campos) e o presidente da câmara (Zé Filho), seguiram em direção ao altar arrancando-lhe o microfone, gerando tumulto e ocasionando a interrupção da sua fala, além de várias ameaças posteriores. Vital Carneiro afirma ter sido ameaçado de morte por várias vezes. Segundo Gildevan Souza Mendes<sup>97</sup>, a questão política estava no auge do discurso dentro da igreja, e aqueles da Pastoral que não usavam do microfone para fazer colocações serviam de apoio aos demais, como no caso de Vital,

A gente falou que pra alguém pegar Vital e padre Silvino em cima do altar, tinha que passar por cima da PJ, onde tinha mais de cinquenta ou cem integrantes da PJ na missa. A gente colocou tudo que a gente sentia, Vital foi o nosso porta voz, expressou todo sentimento da PJ.<sup>98</sup>

Diante de todas as ações de denúncias, críticas e do fato de boa parte dos jovens que estava há muito tempo na caminhada pastoral sentirem a necessidade de uma inserção na política partidária, fundou-se o partido dos trabalhadores em Riachão do Jacuípe,

A fundação do partido dos trabalhadores foi consequência desse trabalho que a gente fez. Em 96, por exemplo, a gente só tinha dois candidatos a

<sup>95</sup> Entrevista concedida em 24/0/2013

<sup>96</sup> Idem, op. cit.

<sup>97</sup> Idem, op. cit.

<sup>98</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

prefeitos, um a gente chamava de malfredo (Valfredo) e o outro de emal (Herval).<sup>99</sup>

De acordo com Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>100</sup>, muito se criticava os únicos dois grupos que dominava a política local, por isso havia necessidade de mostrar ao povo uma nova opção, visto na sua visão a política ser a “salvação”, o meio eficaz de transformar a sociedade. Para ele, o Partido dos trabalhadores tinha uma história de luta, “de defesa dos princípios que a gente defendia a reforma agrária, o emprego...” Em relação à fundação do partido Gildevan Souza Mendes<sup>101</sup> afirma o seguinte: “Como é que a gente falava de política e a gente não tinha uma agremiação para a gente se tornar firme”<sup>102</sup>.

Gildevan Souza Mendes<sup>103</sup>, assim como a maioria dos depoentes, diz que padre Silvino teve grande contribuição na fundação do partido. A entrevistada Jucineide Costa Silva Santana<sup>104</sup> diz ter sido “um momento árduo”, pois as pessoas não aceitavam isso partindo de jovens da igreja. Há de se pontuar que alguns dos entrevistados disseram não “comungar” da fundação do partido e da postura de alguns membros da PJ na época, visto ter se transformado em política partidária, como coloca uma depoente que preferiu não se identificar: “Eu achava que você ficava identificado... tinha coisas que eu não aceitava, eu respeitava, mas eu não achava que estava de acordo”<sup>105</sup>. Diz Elísio Guimarães Carneiro<sup>106</sup> a respeito da fundação do partido,

Foi combinado velho. O PT, ele tem uma história linda... A gente sempre viu o PT com bons olhos porque nasceu da classe dos trabalhadores e a PJ se identificava. Se identificava com partidos de esquerda que lutavam por justiça social... E a gente fundou o PT aqui em 1998, eu sou um dos fundadores também do partido aqui na cidade e naquela época a maioria das pessoas eram membros da pastoral da juventude. Tinha um ou outro de outra pastoral... Quando a gente fundou o PT aqui, a gente fundou com discussões, o que era que a gente queria e porque a gente queria. Tanto que quatro anos depois a gente lançou um candidato a prefeito<sup>107</sup>

<sup>99</sup> Entrevista concedida por Vital Carneiro em 27/08/13

<sup>100</sup> Idem, op. cit.

<sup>101</sup> Idem, op. cit.

<sup>102</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>103</sup> Idem, op. cit.

<sup>104</sup> Idem, op. cit.

<sup>105</sup> Entrevista concedida em 02/09/2013

<sup>106</sup> Idem, op. Cit.

<sup>107</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

Vale ressaltar que apesar de alguns entrevistados atribuírem a fundação do partido a Pastoral da Juventude isso não se deu de maneira unânime entre os membros e essa época, segundo alguns entrevistados foi um momento de grandes discordâncias e “brigas” dentro da Pastoral, especialmente por parte dos grupos recém-formados na paróquia. Porém, os que abraçaram a política partidária, estavam convictos de suas decisões, e iam para as ruas, manifestavam-se,

Então aquelas dez, vinte pessoas, do PT que eram membros da pastoral da juventude, que encararam os dois grandes leões da política, o Valfredo Matos e o Herval Campos, dois ex-prefeitos com seus carismas, com seus grupos fortes que até hoje existe. São pessoas apaixonadas pelos grupos políticos e a gente encarou. A gente passeava na rua é, tinham as passeatas deles eram mais ou menos cinco, seis, sete mil pessoas na rua e tinha três pessoas do PT com as bandeirinhas vermelhas encarando uma candidatura que a gente sabia que não ganharia, mas encarava por acreditar que uma nova cidade era possível ser construída. Mas até hoje a gente nunca conseguiu. Quem sabe um dia.<sup>108</sup>

Apesar de não ter conseguido eleger a prefeito o candidato do PT na época, a eleição de 2000, apontou nomes para inserir na teia política local e lançou base para a concretização do projeto Mandato Popular em 2004. Tal projeto é recente em âmbito nacional e regional. É pensado a partir de jovens da igreja católica que sentem a necessidade de inserir-se no meio político e social. Tem como diferencial dos demais mandatos parlamentares o interesse em obter a participação popular, ou seja, organizar a sociedade civil para ativamente ajudar nas tomadas de decisões, criações de projetos, etc.

Segundo José Avelange Oliveira Mota<sup>109</sup>, o projeto Mandato Popular, “foi realmente o ápice dessa linha de pastoral”. Assim os primeiros anos da década de 2000 aparecem na fala dos depoentes como um período de maior efervescência política dentro da pastoral.

No ano 2000, de acordo com alguns depoentes, tentou se eleger um vereador através do projeto Mandato Popular, o que não deu certo. Mas, em contrapartida amadureceu a ideia do projeto e nos três anos que antecederam a eleição de 2004, foram trabalhadas formas de consolidar este anseio da pastoral.

Tratando dessa relação política dentro da pastoral, Elísio Guimarães Carneiro enfatiza,

---

<sup>108</sup> Entrevista concedida por Elísio em 26/08/13

<sup>109</sup> Idem, op. Cit.

Eu sempre vi com bons olhos porque a gente conseguiu eleger um representante, não da PJ, mas da comunidade em 2004. Mas esse trabalho é o que eu estou te dizendo ele começou lá no início dos anos 90, a gente vinha trabalhando isso já há muito tempo. A formação com a comunidade, a gente todo o encontro falava de política, todos sem exceção e as pessoas gostava de ouvir o que a gente dizia. Então não foi o ano de 2004, foi todo um processo, agora a gente pode enaltecer o que antecedeu 2004, os dois últimos anos, 2003 e 2004. Antes a gente fez uma prévia, a gente não lançou um candidato por lançar, por querer entrar no poder, por querer ser mais um, né isso a intenção. A intenção é mexer com os vários setores da sociedade e também com as outras religiões, tanto que a gente fez um trabalho de ocupação nesses setores. A gente pode dizer no bom sentido da palavra, invadiu mesmo. A gente entrava lançava a proposta de uma candidatura que tivesse essa discussão que antecederesse a eleição 2004 e essas entidades elas tanto ouviram a gente como participaram da escolha de um candidato. Houve quatro nomes e isso era engrandecedor, quatro jovens que decidem partir de uma prévia. Eu fui um dos pré-candidatos, mas eu não tinha intenção nenhuma de ganhar aquela prévia. Eu queria mesmo era discutir com a turma, eu queria mesmo que as pessoas despertassem para aquilo. Quando a gente começava discutir com estas entidades o que a gente vislumbrava para o legislativo, muitos deles começaram a acreditar, e essa crença elevou a nossa vitória.<sup>110</sup>

A entrevistada Luzia da Silva Oliveira<sup>111</sup>, diz que a concretização do mandato através da eleição de seu representante em 2004, foi um momento maravilhoso para ela. Emotiva em dizer que “quem viveu jamais esquecerá”, apontando toda luta que antecedeu a vitória do membro da PJ em 2004. O próprio representante escolhido para ser candidato e que exerceu o cargo de 2005-2008, José Avelange Oliveira Mota<sup>112</sup>, relata,

Houve uma eleição prévia... Pela primeira vez na história do município que alguém para ser candidato a vereador teria que ser eleito numa eleição prévia, ou seja, eleição para a candidatura. E havia dois candidatos que era o companheiro Elísio, o companheiro Adelson, três né, e Ana Isabel e insistiu muito, o próprio Elísio insistiu muito que eu deveria colocar meu nome a disposição também dessa pré-eleição. Outras pessoas também entenderam que eu deveria fazer isso, eu resisti até o último momento... Inclusive pensando que não seria eleito, porque eu achava que a mentalidade da população não estava em condição de escolher ainda uma candidatura desse jeito, eu resolvi colocar o meu nome a disposição no processo e acabou que eu fui escolhido na eleição prévia pra ser o candidato e depois também escolhido nas urnas pra ser vereador. Foi uma grande surpresa, primeiro pra mim e pra toda sociedade também.<sup>113</sup>

Momentos de saudosismo, de emoção e de realização por parte dos entrevistados ao darem seus depoimentos. Sem adentrar nas questões que

<sup>110</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>111</sup> Idem, op. cit.

<sup>112</sup> Idem, op. cit.

<sup>113</sup> Entrevista concedida em 30/08/13

permearam o exercício do mandato, algo que renderia muita escrita e não é pretensão para este momento, à eleição de José Avelange Oliveira Mota, representou para a pastoral da juventude a concretização de um sonho,

Foi uma campanha belíssima, rara, que a gente não vai ver no Brasil por tão cedo. Se a gente buscar experiências que aconteceu no Brasil a gente não vai ver o que aconteceu aqui, e eu acredito que muitos de nós não temos a noção do que foi feito, foi rico demais o que foi feito, cada passo, cada encontro era uma grande oração para nossa vida e a gente conseguiu chegar a vitória e foram muitas lágrimas naquele três de outubro de 2004, nem lembro se foi três de outubro ou se foi primeiro. Mas a gente saiu com muita euforia pras ruas não tão somente pela vitória lá de José Avelange que a gente conseguiu eleger, mas foi uma vitória de longos anos.<sup>114</sup>

No primeiro capítulo foi trabalhado o entendimento da educação não formal como um processo com várias dimensões. No segundo capítulo através da delimitação temática foi possível apresentar a PJ, contar sua história dentro do espaço- tempo de 1986-2004. No terceiro capítulo surgem novas questões a serem refletidas: como as características de Maria da glória Gohn sobre Educação não formal podem ser pensadas e percebidas nas práticas da pastoral da juventude de Riachão do Jacuípe, a partir de suas temáticas, fundamentação e metodologia. As ações empreendidas pela pastoral ao longo de sua história dão conta de considerá-la um espaço de educação não formal? Até que ponto os entrevistados percebiam a pastoral como um espaço de educação não formal?

Estas e outras serão analisadas no capítulo seguinte...

---

<sup>114</sup> Entrevista concedida por Elísio Guimarães em 26/08/13

### **CAPÍTULO 3 - PASTORAL DA JUVENTUDE: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

Vem cantar comigo esta canção do amanhã  
 Vamos na esquina, deixar em cartaz:  
 "Seja bem-vinda a paz..."  
 Vamos pela rua, em passeata popular  
 Venham, venham todos, não vale esperar  
 Pra ver acontecer, tem que lutar

**E todos seremos iguais  
 O dia é a gente que faz  
 Quem planta a justiça refaz  
 A estrada da vida e da paz**

Vem, vamos interrogar ao rei computador  
 O que fazer pra ver reinar o amor  
 Pra ver reinar o amor  
 E como desarmar o coração e a razão  
 Dos homens violentos que não vêem a paz  
 O que a guerra fez e faz.

Venha quem chorou e machucado foi  
 Na praça, envergonhada a violência está  
 E quem pisou, vai ter que constatar  
 Que é bem melhor, servir do que matar

Cantiga de Paz - Zé Vicente

Descrita a construção histórica da pastoral da Juventude e algumas de suas atividades, os acontecimentos trazidos apontam de maneira intercalada a percepção de que tais ações configuram-se educativas em um espaço não necessariamente pensado com tal finalidade. Assim, é notável no contato com as fontes que a pastoral da juventude constituiu-se como um espaço concreto de formação de sujeitos, de capacitação de indivíduos para a vida em sua completude, “via os processos de compartilhamento de experiências”, (GOHN, 2010, p.28), oriundos das

ações coletivas empreendidas pela pastoral. Segundo Elísio Guimarães Carneiro<sup>115</sup>, a caminhada da PJ, sempre teve esse cunho educativo, embora de acordo com o mesmo em alguns lugares do Brasil, não atinja tal propósito,

Mas aqui na nossa realidade ela sempre educou os jovens pra tudo, pra tudo. Se a gente for pegar a lista de ata dos participantes a gente vai vê que membros dessas épocas ai, a gente pode pegar de um por um, todos estão bem sucedidos, não são pessoas ricas não, né isso não. Pessoas bem sucedidas na família, na comunidade, que tem formação política, que tem uma consciência crítica das coisas que podem até não estudar, como é o meu caso, mas eu confesso que eu tenho uma boa consciência crítica das coisas e quem me deu isso foi a educação na PJ. Isso a gente não pode nunca esconder.<sup>116</sup>

De acordo com as atas, essa educação e formação disponibilizada pela pastoral da juventude acontecia de maneira recíproca entre os membros, ou seja, se na educação formal o papel centralizador do processo está na figura do professor, nestes espaços não formais de educação, o educador é o “outro” (GOHN, 2010), aquele com quem interagimos e nos integramos no decorrer do processo. Segundo José Avelange Oliveira Mota<sup>117</sup>, “A Pastoral da juventude, sem dúvidas é um espaço de formação dos jovens, e de formação dos jovens pelos próprios jovens, o que é mais interessante”<sup>118</sup>. Encontra-se em várias atas do grupo jovem DDD essa característica, a exemplo da de número 58 de seis de agosto de 1988, onde dividiu o grupo em subgrupos para discutir e depois compartilhar de leituras previamente selecionadas para debater nas reuniões.

Além disso, ao ter contato com a ata do DDD de 1986 a 1985, percebe-se que a coordenação do grupo, composta por cinco membros, era no máximo de dois em dois anos extinta e se fazia uma nova eleição pra compor os cargos. A descentralização de poderes é também um dos marcos da educação não formal e constatado na análise da PJ. Outro elemento observado é que por mais que existisse uma coordenação, havia uma preocupação por parte do grupo em escalar pessoas para organização das reuniões semanais, e isso de acordo com a ata de número 157 de 03/11/1990, era favorável também para “despertar lideranças” e

---

<sup>115</sup> Idem, op. cit.

<sup>116</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>117</sup> Idem, op. cit.

<sup>118</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013

proporcionar a criatividade nas reuniões. Sobre essa interação e formação mútua proporcionada pela pastoral, coloca José Avelange Oliveira Mota<sup>119</sup>,

Imprescindível. Muito bom, muito positivo. Isso era a própria vida pulsando ali, a vida do jovem, o jovem que saía de si mesmo, diferente do que acontece hoje com a internet que tende a manter as pessoas um pouco mais reclusas, ali você tinha a participação efetiva das pessoas trocando ideias, opiniões e de forma colorida, cultural, enfim uma riqueza imensurável.<sup>120</sup>

Como coloca Luiz Fernando Cerri (2011), a formação de identidades passa, necessariamente, pelo trabalho com a alteridade, a consideração positiva e integracionista do “outro”, sendo o diálogo elemento positivo nas relações pessoais e coletivas. E nesse contexto, muito dos depoentes atribuíram ao grupo de jovens o fato de terem se capacitado para colocarem suas opiniões, e trabalharem sua timidez. De acordo com uma entrevistada, que prefere não se identificar, o grupo jovem lhe estimulou a coragem de falar em público: “eu era uma pessoa muito calada, não era de falar em público”. Segundo Paulo Freire (1987), este deveria ser um dos objetivos da educação: a capacitação do ser humano a “aprender dizer sua palavra” (FREIRE, 1987, p. 13). Gildevam Souza Mendes<sup>121</sup> traz que também tinha essa dificuldade de expressão antes do grupo jovem,

Eu esperava simplesmente ir a reuniões aos sábados pra sair de casa né? Não sabendo eu que dentro de mim tinha muita coisa guardada e eu não tinha coragem de me expressar até chegar ao grupo de jovens.<sup>122</sup>

Esta fala de Gildevam Souza Mendes<sup>123</sup> enaltece a ideia discutida no primeiro capítulo, onde através do diálogo, da interação com outro, o ser humano, portador de “consciência histórica”, aprende e ensina. Cada indivíduo traz em si saberes provido das experiências vividas “no contato com o legado da ação humana..., no convívio social do cotidiano” (Rüssen, citado por Martins, 2001, p. 9). Apesar de todo sujeito ser portador desta “consciência histórica”, os que compõem os espaços educativos não formais, optam por ali estarem e compartilharem suas experiências e percepções, sendo que o grande diferencial está na “intencionalidade” das ações em

<sup>119</sup> Idem op. cit.

<sup>120</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013

<sup>121</sup> Idem op. cit.

<sup>122</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>123</sup> Idem, op. cit.

participar e/ou em transmitir outros saberes. (GOHN, 2006) A disponibilidade dos participantes é o que gerencia estes espaços.

Além da intencionalidade, a educação não formal atua sobre aspectos subjetivos do grupo, desenvolve “laços de pertencimento” e “sentimento de identidade” (GOHN, 2010). Nesse sentido, todos os entrevistados afirmam terem construído uma grande ligação com a pastoral da Juventude e com os membros que compunha a mesma, pois segundo José Avelange Oliveira Mota<sup>124</sup> “participava com outras pessoas, que trocavam ideias sobre os assuntos da vida, da vida pessoal, da vida familiar, da vida em sociedade” e isso, “o conviver com essas pessoas”, como coloca Jucineide Costa Silva Santana<sup>125</sup>, acabou gerando esses laços de pertencimento. O depoimento de Elísio Guimarães Carneiro<sup>126</sup> ressalta a importância destes laços de pertencimento com o trabalho da pastoral da juventude e seus membros,

O que eu poderia enumerar é são as grandes amizades que ela me trouxe (emoção), que são pessoas eternas. E essas pessoas, onde quer que estejam certamente todos os sábados à noite, nos dias atuais irão se lembrar daquele sábado que a gente passava. E essas pessoas são para mim como para tantos outros, irmãos, verdadeiramente. Então toda caminhada que eu der em qualquer lugar, em qualquer espaço social, seja numa associação, seja num partido político, seja em qualquer agremiação religiosa, a caminhada e os ensinamentos da PJ essas pessoas estão inseridas como um Cristo vivo.<sup>127</sup>

Estes laços de pertencimentos foi um fator que muito influenciou na história da pastoral da juventude e contribuiu para a “construção de uma identidade coletiva e o aprender a conviver com a diferença” (GOHN, 2006, pág. 30), entre os membros.

Maria da Glória Gonh, traz que nestes espaços “os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos...” (GOHN, 2006, p. 31). E a metodologia adotada por estes espaços “partem da cultura dos indivíduos e dos grupos” (GOHN 2006, p. 31). Em relação aos temas trabalhados pela pastoral da juventude, é perceptível uma grande variedade temática, como já foi abordado no segundo capítulo. Foi apontado também que estes conteúdos surgiam a partir das “necessidades, carências, desafios, obstáculos” que o grupo jovem DDD e a posterior PJ julgavam ser de mais relevância para a realidade atual.

<sup>124</sup> Idem, op. cit.

<sup>125</sup> Idem, op. cit.

<sup>126</sup> Idem, op. cit.

<sup>127</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

O entrevistado Roque Feliciano Santos<sup>128</sup>, integrante do grupo jovem JUCAC, relata que o bairro Alto do Cruzeiro, bairro periférico da cidade, onde reside o mesmo, existiam muito usuários de drogas e que por muitas vezes, integrantes deste grupo, buscou atrair estes usuários para o grupo, como meio de socialização e de despertar pra que os usuários abandonassem o vício. Roque aponta ter dado certo em alguns casos. E relata que os temas trabalhados estavam diretamente ligados a realidade local: “Trabalhávamos semanalmente temas diferentes, temas como droga, violência, a própria prostituição, educação”<sup>129</sup>. Sobre essa diversidade temática, aponta Elísio Guimarães Carneiro<sup>130</sup>,

Todos os temas imagináveis, sexo, droga, comunidade, violência, política, cultura, natureza, tudo que a gente imaginar que eleva a autoestima da pessoa, que eleva a formação era trabalhado, sempre foi trabalhado e em especial de uma forma muito dinâmica.<sup>131</sup>

Em relação ao fato de elevar a autoestima, como aponta Elísio Guimarães Carneiro, esta também é uma das características da educação não formal. Afirma Maria da Glória Gohn (2006), que “a educação não formal resgata o sentimento de valorização de si próprio, ou seja, dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.)”.

Quando perguntado aos dez entrevistados sobre o diálogo destes temas com a realidade, todos foram unânimes em dizer que existia uma preocupação por parte dos grupos em observar a realidade, das necessidades temáticas,

Sim. A gente não era distante da realidade do país não, a nossa cidade é uma cidade muito carente, sempre foi né, de pessoas ribeirinhas que necessitavam de pão, da palavra... E a gente buscava sempre estar inserido nas realidades, hoje está mais fácil porque internet ajuda, já tem muitas informações com muito mais facilidade. Mas antes não, a gente tinha que ler muito, tinha que buscar documentos pra poder está inserido não só no Brasil, mas em todo contexto da América Latina, já que a América Latina tem um grande potencial de comunidade eclesial de base. E a gente sempre trabalhou inserido PJ com comunidade eclesial de base, não era fora nunca da realidade, tanto na comunidade rural como nos centros urbanos.<sup>132</sup>

<sup>128</sup> Comerciante, segundo grau completo, começou a participar da Pastoral da Juventude através do grupo jovem JUCAC no ano de 2000.

<sup>129</sup> Entrevista concedida em 31/08/2013

<sup>130</sup> Idem, op. Cit.

<sup>131</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Elísio Guimarães Carneiro, em 26/08/2013

Gildevam Souza Mendes<sup>133</sup> diz que se discutia muito a questão da inclusão social e a luta contra discriminação racial. Marcos Edney Souza de Miranda<sup>134</sup> afirma ter discutido dentro das reuniões da PJ a administração municipal e a atuação do poder legislativo, além de questões a nível nacional, a exemplo da dívida externa. Também característica da educação não formal é “a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor”. (GOHN, 2006, P. 28) A fala de Vital Marinho Carneiro de Oliveira<sup>135</sup> diz que essa leitura do mundo era uma constante na pastoral da juventude,

Então, temas como reforma agrária, reflexão sobre o MST, nós íamos buscar na bíblia, por exemplo, se você pegar o deuterônômio, o êxodo você vai ver lá passagens onde Deus diz a Moisés: ‘Eu vi miséria do meu povo e desci para libertá-lo’. Então nós víamos que a bíblia nos dizia que nós libertemos as pessoas de tudo quanto é tipo de opressão. Êxodo: Vai toma a terra dos amorreus..., então era terra que já tinha dono, mas a terra não cumpria sua função social... A gente fazia essa reflexão, era terra de latifundiários. Naquela época não se chamava assim, mas era terra de grandes impérios. E os pobres viviam sempre explorados. A gente via, por exemplo, a origem da luta da bandeira do MST. A gente nunca viu o MST como um movimento criminoso, a gente lutava contra a criminalização da bandeira de luta do MST.<sup>136</sup>

Este é um dos resultados esperados da atuação nestes espaços não formais da educação, segundo GOHN (2006), “a construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo”.

Em contato com o Jornal Folha da Conceição, na época órgão oficial de divulgação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, cujo 90% dos organizadores eram membros da pastoral da juventude, pôde ser ratificada esta informação fornecida por Vital Marinho Carneiro, em relação à leitura que eles faziam do MST. O texto foi escrito em abril 2002 e relata uma Experiência Marcante (título do texto)..., escrito por Neylor Guimarães Carneiro e Josenildo Carneiro, membros ativos da pastoral da juventude na época. Nesse artigo eles relatam “uma vivência histórica” protagonizada por eles mesmos de 08 a 10 de março de 2002 em visita ao Assentamento Terra Vista do MST, localizada em Arataca no sul da Bahia. Acredita-

---

<sup>133</sup> Idem, op. cit.

<sup>134</sup> Idem, op. cit.

<sup>135</sup> Idem, op. cit.

<sup>136</sup> Entrevista concedida por Vital Marinho Carneiro de Oliveira em 27/08/2013.

se que esse interesse pela visita advenha de reuniões e estudos sobre a causa na pastoral da Juventude. Segue trechos do artigo,

... Para muitos, a experiência da Igreja Primitiva parece impossível no contexto individualista da sociedade capitalizada. Porém, a vida no Assentamento Terra Vista resgata o sonho vivido pelos primeiros cristãos e pelo próprio Jesus Cristo: “Eram perseverantes... na comunhão fraterna, no partir do pão... eles eram unidos e colocavam em comum todas as coisas... conforme a necessidade de cada um.” (AT. 2, 42-45). Ao contrário do que a mídia coloca, de que os lutadores Sem Terra se aproveitam do movimento para adquirirem um lote de terra e em seguida vende-lo, vimos que no assentamento a terra “não pertence” formalmente ao camponês e sim ao movimento, que coordena a distribuição da mãe terra... A frase de Che Guevara -“O homem deixa de ser escravo quando se converte em arquiteto do seu próprio destino” – está incorporada à vivência daqueles trabalhadores que buscam a plenitude da pessoa humana em sua dignidade e inspira muitos lutadores de diversos setores da sociedade organizada...<sup>137</sup>

Como se pode observar no texto acima, nas atas e também nas entrevistas, quando questionado sobre leituras e embasamento teórico para as reuniões, a bíblia era “o grande trunfo”<sup>138</sup>. Seja nas reuniões de grupo de base e também como fundamentação para alguns trabalhos realizados, a utilização da bíblia pela pastoral da juventude era uma constante. Segundo Elísio Guimarães<sup>139</sup>, a bíblia é bastante rica de informações, historicamente falando. O depoente afirma que se traziam essas leituras de maneira bastante interpretativa para a realidade que se vivia. Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>140</sup>, também afirma que a Bíblia era a “carta magna” da PJ, assim como de todo cristão e faz questão de afirmar que não vê mais a bíblia com os mesmos olhos, pelas diversas contradições nela encontradas.

Além da bíblia, os depoentes foram quase unânimes em dizer que tinham também como fundamentação teórica os trabalhos de Leonardo Boff, expoente da teologia da libertação no Brasil. Coloca José Avelange De Oliveira Mota<sup>141</sup>,

Eu acho que eu ouvir falar de Leonardo Boff pela primeira vez ai. Não era muito comum mais havia um ou outro membro, Vital, por exemplo, que nos fez saber que existia um Leonardo Boff, que existia alguém dentro da igreja católica que era capaz de fazer autocrítica da igreja, e que estava sendo inclusive, mal visto pela cúpula da igreja em função desses temas que ele abordava.<sup>142</sup>

<sup>137</sup> Extraído do Jornal Folha da Conceição da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de abril de 2002, do texto Experiência Marcante.

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Elísio Guimarães Carneiro, em 26/08/2013.

<sup>139</sup> Idem, op. cit.

<sup>140</sup> Idem, op. cit.

<sup>141</sup> Idem, op. cit.

<sup>142</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013

Embora José Avelange de Oliveira Mota, afirme não ser muito comum, sete dos dez entrevistados, dizem ter tido Leonard Boff, “presente em suas contextualizações”<sup>143</sup>, visto como afirma Luzia da Silva Oliveira<sup>144</sup>, terem ficado “encantados” com a teologia da libertação. Além desse autor os depoentes afirmaram ter alguns subsídios nacionais para desenvolver as atividades. Um desses era o material da Campanha da Fraternidade, trabalhado anualmente nos estudos da pastoral. Frei Beto, Marx, Gustavo Gutierrez, dentre outros autores, também são citados por Gildevan Souza Mendes<sup>145</sup>, Jucineide Costa Silva Santana<sup>146</sup>, Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>147</sup> e uma depoente que prefere não ser identificada. José Avelange de Oliveira Mota<sup>148</sup> coloca que:

Falava-se eventualmente em Paulo Freire, porque tinha gente também da área da educação e sempre teóricos voltados para organização do povo né? Das massas na luta por direitos essenciais, direitos fundamentais, direitos sociais.<sup>149</sup>

Todos esses autores citados evidenciam uma preocupação por parte dos integrantes da PJ em ter fundamentação teórica diante dos temas lançados. E diante de todos os temas já aqui elencados, culminam com a intenção de fazer com que “os indivíduos aprendam a ler e interpretar o mundo que os cerca” (GOHN, 2006), característica da educação não formal. A depoente Luzia da Silva Oliveira<sup>150</sup>, diz que era uma frequente nas reuniões da pastoral lembrar o nome de mártires (Martin Luther king, Irmã Dulce, Mahatma Gandhi, dentre outros) assim como suas trajetórias em prol da defesa dos direitos humanos.

Existe um canto católico, intitulado de Pai Nosso dos Mártires, de autoria de Cirineu Kunh, que ressalta essa afeição da pastoral da juventude com esses mártires, visto ser entoado muitas vezes em reuniões de grupo de jovens, a exemplo da ata do DDD de número 215 do dia 07/03/1992. Segue o trecho: “Pai nosso dos pobres marginalizados, pai nosso, dos mártires, dos torturados. Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida..., Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos...”.

<sup>143</sup> Entrevista concedida por Jucineide Costa Silva Sanatna, em 24/08/2013.

<sup>144</sup> Idem, op. cit.

<sup>145</sup> Idem, op. cit.

<sup>146</sup> Idem, op. cit.

<sup>147</sup> Idem, op. cit.

<sup>148</sup> Idem, op. cit.

<sup>149</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013.

<sup>150</sup> Idem, op. cit.

Muito citada também pelos depoentes foi a revista Mundo Jovem, que segundo os mesmos foi uma das grandes parceiras na busca de temas para trabalhar nas reuniões de grupo de base,

Existia a revista Mundo Jovem, editada pela universidade Federal do Rio Grande do Sul que ainda hoje é muito valorizada pelos temas que aborda. Quando eu entrei no Shalom, me lembro bem dessas revistas lá, inclusive houve membros que mim deram de presente, eu li gostei bastante dos textos que havia lá e sempre de uma forma leve, inclusive com letras de músicas, letras de música da Legião Urbana, letras de música do pop rock nacional que tendiam abordar questões sociais também. A fundamentação era basicamente essa. Bons artigos, boas músicas e eventualmente algum texto de algum teólogo ou padre mais voltado pra questão religiosa.<sup>151</sup>

Em relação às músicas, pôde se observar no vídeo dos encontros, que seja no momento de animação ou em danças, procurava-se buscar cantores e músicas que tivesse um sentido de dialogar com o a realidade. Mesmo quando cantores religiosos, a música deveria estar voltada para as discussões do grupo, para os anseios da juventude e contribuído para formação crítica das pessoas. Luzia da Silva Oliveira<sup>152</sup> coloca que dentre outros elementos, o que muito a cativou em estar no grupo foi a animação e as lindas canções que ouvira, quando visitou o grupo pela primeira vez. Zé Vicente, cantor católico, foi um dos que muito foi citado no decorrer da entrevista. Está registrado no Jornal Folha da Conceição, um show realizado por Zé Vicente na cidade de Riachão do Jacuípe no dia 24/08/2002, organizado pela Pastoral da Juventude. Segundo Jucineide Costa Santana<sup>153</sup>, isso se deve a letra de suas canções ter embalado muitos dos momentos vividos,

Não se passa uma música no grupo por passar, a gente sempre tinha essa preocupação de enfatizar o que a gente disse, de tornar enfático. Você disse, mas tem alguém que está lhe ajudando dizer, de uma forma mais leve, muito mais tranquila, muito mais bonita.<sup>154</sup>

A metodologia, também uma das características desses espaços não formais de educação (GOHN, 2006), foi trabalhada de maneira imprescindível dentro da pastoral. Roque Feliciano Santos<sup>155</sup> aponta que foi através da metodologia - cantos, dinâmicas, jogral, poesias, danças - que se valorizou a diversidade de dons dentro do grupo de jovens. Segundo Roque, todas essas atividades realizadas, além de

<sup>151</sup> Entrevista concedida em 30/08/2013

<sup>152</sup> Idem, op. cit.

<sup>153</sup> Idem, op. cit.

<sup>154</sup> Entrevista concedida em 24/08/2013

<sup>155</sup> Idem, op. cit.

serem propícias para a integração, faziam com que os jovens pudessem romper com a timidez e tecer opiniões no decorrer das reuniões. Elísio Guimarães Carneiro<sup>156</sup> traz que outra “característica muito forte é a brincadeira. Nos grupos de jovens da pastoral da juventude sempre tinha o momento da brincadeira”, o que também contribuía para o maior envolvimento, descontração, e alegria dos encontros. Ainda sobre a metodologia da Pastoral da Juventude, ele relata que:

Nas musicas, nas poesias, em cada interpretação em cada apresentação o jovem não expressava uma poesia por expressar, ali era a alma dele. E as pessoas que tinham a oportunidade de partilhar desses momentos sentiam de fato a mesma coisa, eu posso lhe afirmar com muita tranquilidade era um Deus humano, vivo. Não aquele crucifixo que fica na parede, não aquele retrato que fica exposto em qualquer lugar. Não tão somente o que está na eucaristia, o símbolo da hóstia, mas era de fato um Deus Humano. É porque a gente sentia a energia do outro que estava do lado, nos círculos que a gente sempre se reunia em círculos, pra que a gente pudesse sempre olhar nos olhos das pessoas que lá estava.<sup>157</sup>

Existia uma divisão de tarefas no desenvolver das atividades, seja nos encontrões e eventos da PJ (conforme se observa nos vídeos assistidos) ou na própria reunião do grupo de base (como apontam atas do DDD e alguns depoimentos orais). Esta descentralização dos poderes é mais uma característica da Educação não formal presente na Pastoral da Juventude de Riachão do Jacuípe, embora seja notável o destaque de alguns, geralmente aqueles que coordenavam a Pastoral da Juventude ou grupo de jovens mais antigos, pessoas que naturalmente iam se destacando e assumindo a dianteira nos trabalhos.

O depoente vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>158</sup> ratifica essa ideia, quando diz que “tinha sempre alguém que se destacava” e se tornava “formador de opiniões”. Esta também é uma característica da educação não formal, “é de suma importância atentar para o papel dos agentes mediadores no processo: os educadores, os mediadores, assessores, facilitadores, monitores, referências” (GOHN, 2006, p. 32).

A partir dos temas trazidos até aqui é notável que a pastoral da juventude era um espaço propício para “a construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo” (GOHN, 2006), e isso era algo notável também na sua

---

<sup>156</sup> Idem, op. cit.

<sup>157</sup> Entrevista concedida por Elísio Guimarães Carneiro em 26/08/2013.

<sup>158</sup> Idem, op. Cit.

relação com a própria hierarquia da igreja e com as outras pastorais. Coloca Roque Feliciano dos Santos<sup>159</sup>:

A pastoral da Juventude, ela nunca foi vista assim tão bem pelas outras pastorais..., era um pouco colocada pra trás. Era diferente das outras pastorais pela questão do embate, ela nunca concordava com tudo (refere-se às práticas da igreja católica), ela não silenciava e aí veio os confrontos.  
160

A colocação de Roque dialoga com a de Luzia da Silva Oliveira<sup>161</sup>, quando ela diz que os párocos que sucederam Silvino, por não terem a visão e atuação do mesmo, foram deixando de dar apoio a PJ. A entrevistada Luzia relata uma carta que a PJ escreveu aos paroquianos, especialmente as lideranças e os padres, onde se fazia uma análise da ação pastoral paroquial, questionando algumas práticas da igreja católica e o olhar desatento para a comunidade local em início da década de 2000, por parte da hierarquia da igreja de Riachão do Jacuípe.

Ao ser questionada sobre a autoria da carta - a paróquia -, Luzia da Silva Oliveira, aponta que partiu da tomada de decisão coletiva daqueles que acompanhavam a caminhada pastoral já algum tempo e encontravam-se insatisfeito com algumas práticas.

Essa atitude de pensar coletivamente também é uma das características da educação não formal, que aponta como resultado esperado por quem participa destes espaços, o fato de levar o sujeito a “aprendizagem e o exercício das práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos” (GOHN, 2006, p. 28). Aponta Luzia da Silva Oliveira<sup>162</sup>,

Quando a gente decidiu tomar essa iniciativa, essa decisão de escrever essa carta foi em uma assembleia paroquial, aonde a gente ia está falando o que a gente estava sentido e da necessidade de melhorar. Nossa única intenção, já que a assembleia era pra discutir os prós e os contras. Então a gente achou por bem fazer nesse momento essa carta aberta a toda paróquia, não só diretamente para os párocos, mas para todos os paroquianos através dos coordenadores. A gente estava muito indignados com algumas situações que a gente não concordava. Infelizmente, nessa época foi muito difícil, a gente foi muito mal visto, tanto é que a partir daí a pastoral da juventude foi um pouco que sacrificada por alguns paroquianos que não viram que nossa intenção era ajudar... A gente queria uma igreja que atendesse os nossos anseios enquanto jovens.

---

<sup>159</sup> Idem, op. cit.

<sup>160</sup> Entrevista concedida em 31/08/2013.

<sup>161</sup> Idem, op. cit.

<sup>162</sup> Idem, op. cit.

Após a saída de padre Silvino, as fontes orais apontam que a pastoral continuou atenta aos problemas sociais da comunidade, mas com a chegada de novos párocos começou a entrar em atritos e gradativamente foram perdendo o apoio dos padres que chegavam.

No primeiro capítulo - “Educação Não formal, um processo com várias dimensões”, foram traçadas características da Educação não formal e nota-se como é dada grande ênfase a questão dela ser propícia “a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos” (GOHN, 2006).

Nesse sentido, a pastoral da juventude protagonizou momentos significativos, pois os membros da pastoral muito fizeram palestras, dramatizações, leituras, danças, poesias, jograis enaltecendo esta aprendizagem política dos direitos dos indivíduos. Mas, além disso, na prática, estes sujeitos mostraram caminhos de exercer esta cidadania. Isso porque a atuação nestes espaços educacionais, segundo Maria da Glória Gohn, leva os indivíduos a atuarem como representantes da sociedade civil organizada (GOHN, 2006).

A pastoral da Juventude, segundo Jucineide Costa Silva Santana<sup>163</sup>, “falava da importância dos conselhos, da importância das pessoas estarem lá, da importância das fiscalizações, ousávamos, éramos perseguidos por políticos”<sup>164</sup>. Como foi colocado no segundo capítulo, membros da PJ iam a câmara de vereadores cobrar projetos, fundou na década de 1990, o grupo “cidadania em ação”. Além disso, alguns membros participavam de conselhos e movimentos civis organizados. Por isso, Jucineide Costa Silva Santana<sup>165</sup> coloca,

Eu não cursei uma faculdade igual, minha faculdade, não foi igual a da Pastoral da Juventude. Eu acho que o que eu levei pra faculdade da pastoral da juventude, desse movimento todo, acho que foi maior do que eu conseguir trazer.<sup>166</sup>

Em seu texto, Maria da Glória Gohn (2006), deixa claro os objetivos da educação não formal: Educação para cidadania, educação para justiça social, educação para direitos humanos, sociais, políticos, culturais, etc., educação para liberdade, educação para igualdade, educação para democracia, educação contra

---

<sup>163</sup> Idem, op. cit.

<sup>164</sup> Entrevista concedida em 24/08/2013

<sup>165</sup> Idem, op. cit.

<sup>166</sup> Entrevista concedida em 24/08/2013

discriminação, educação pelo exercício da cultura, e para manifestação das diferenças culturais. A partir do depoimento de Roque Feliciano dos Santos<sup>167</sup>, quando atribui o seu interesse de participação a formação que o mesmo obteve na PJ, pode-se notar que lá estes objetivos eram alcançados:

Na comunidade onde eu vivo hoje, sou representante comunitário, participo de conselhos municipais. Então acredito que tudo isso hoje, todo esse tipo de conquista, todo esse tipo de garra que hoje eu tenho em relação ao lado social diz respeito à própria pastoral da juventude, foi onde tudo iniciou... Além de ter mim conscientizado, ela me desinibiu, eu tinha dificuldade de falar em público também. Hoje em qualquer meio que eu tiver eu falo, eu vou à luta, questiono. Isso se principiou na PJ<sup>168</sup>

Tudo que foi elencado até aqui contribui para afirmar a presença destes objetivos descritos por Maria Da Glória Gohn, sobre a caracterização de um espaço não formal de educação, dentro da Pastoral da Juventude. Além de identifica-los, foi possível percebê-los praticados pela pastoral em suas ações. É o que também se pode notar a partir da fala de Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>169</sup>:

A pastoral da juventude foi a escola da minha vida, e apesar de toda essa crítica que eu tenho hoje a igreja e a todas as religiões - eu hoje não suporto religião -, eu acho que a gente precisa criar uma nova cultura de divulgar e de estimular o bem, a prática da justiça, da fraternidade por amor e não por medo de Deus. Apesar de eu não participar mais de religião nenhuma, onde eu pude viver a minha cidadania de forma mais ampla foi na pastoral da juventude. A escola de cidadania da minha vida foi a pastoral da juventude, onde eu pude exercer senso crítico, onde eu pude compartilhar com outras pessoas que pensavam diferente de mim, que às vezes a gente pegava assim uma discussão acirrada.<sup>170</sup>

Dos meados da década de 1990 por diante, à medida que a pastoral da Juventude foi trazendo de forma mais precisa e educacional a questão política para os encontros, nesse momento ela começa a trabalhar de forma mais eficaz a importância da participação do indivíduo nos diferentes setores da sociedade. É o que, coloca Elísio Guimarães Carneiro<sup>171</sup>,

---

<sup>167</sup> Idem, op. cit.

<sup>168</sup> Entrevista concedida em 31/08/2013

<sup>169</sup> Idem, op. cit.

<sup>170</sup> Entrevista concedida em 27/08/2013

<sup>171</sup> Idem, op. cit.

A gente teve uma participação boa na câmara de vereadores. Eu particularmente não perdia uma seção, geralmente era nas sextas à noite e tantos outros de nós, muitos outros também participavam e provocava encontros.<sup>172</sup>

Interessante observar que as denúncias e a participação dos jovens na câmara e em outros movimentos da sociedade foram despertando os mesmos para a necessidade de atuação direta no meio político, e foi nesse sentido, que se fundou o partido dos trabalhadores em Riachão do Jacuípe: “Pra gente alcançar o que desejava no campo social tinha que entrar na política e pra entrar na política tem que ter um partido político”<sup>173</sup>, coloca Elísio Guimarães Carneiro<sup>174</sup>. Gildevam Souza Mendes<sup>175</sup> diz: “a gente ficou mais fortes ainda, porque a gente lançou candidatos” e diz que depois de ter apoiado tantos outros partidos e candidatos em eleições anteriores, era necessário ter uma agremiação partidária.

Luzia da Silva Oliveira<sup>176</sup> diz que a fundação do partido, assim como o lançar de candidaturas, possibilitou uma “maior participação na tomada de decisões política da cidade” e diz que foi também um momento árduo para a pastoral pelas discordâncias internas dentro da mesma. Foi através da fundação do partido e da filiação de membros da PJ que em 2004 elegeu-se José Avelange Oliveira Mota ao legislativo municipal, já descrito no segundo capítulo.

Reforça-se aqui que, de acordo com as fontes, o trabalho desenvolvido pela pastoral da Juventude que culminou na eleição de Avelange tinha como objetivo a participação da comunidade de modo mais direto através da câmara municipal e do projeto Mandato Popular. É uma “educação para a cidadania”, princípio da educação não formal.

Em maio de 2002 foi realizado, segundo o Jornal Folha da Conceição, o VII encontrão da juventude,

Com presença de jovens de todas as CEBS e do deputado Yulo Oiticica que falou de política para juventude. O encontro encerrou-se com uma grande caminhada (mencionada na introdução do trabalho). É a juventude mostrando que pode se organizar para renovar as estruturas do mundo ousando olhar para frente<sup>177</sup>.

<sup>172</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>173</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>174</sup> Idem, op. cit.

<sup>175</sup> Idem, op. cit.

<sup>176</sup> Idem, op. cit.

<sup>177</sup> Extraído do Jornal Folha da Conceição da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de julho de 2002.

Na oportunidade, o deputado Yulo deu uma entrevista para o Jornal Folha da Conceição falando sobre a importância da PJ na política partidária,

Esse encontro, por exemplo, que vocês estão fazendo extraordinário, um grande encontro da juventude onde traz as pessoas para discutir o quê? Direitos Humanos da Juventude, Projetos de iniciativa popular... Isso é uma coisa nunca vista. Por que isso é juventude organizada, consciente, competente. A Pastoral da Juventude tem sido cada dia mais competente, com maior poder de reflexão.<sup>178</sup>

E como se dava esta educação cidadã no ambiente da Pastoral? O vídeo do VIII encontro realizado na praça da matriz em frente à igreja, em 2003, ano antes da eleição municipal que consagrou a vitória de José Avelange ao legislativo municipal ilustra esse processo. Neste encontro, estavam presentes jovens da sede e de diversas comunidades rurais de Riachão do Jacuípe e também jovens da cidade de Pé de Serra. Muita dança, músicas, dramatizações e em meio a isso uma dinâmica que convocava os jovens a abraçar a causa do mandato popular. O condutor da dinâmica, depoente deste trabalho, Elísio Guimarães, convocava a todos a fazer um círculo onde ninguém em meio a centenas de pessoas ficasse de fora “Nesse momento nós vamos fazer um grande círculo... Todo mundo. Um grande círculo, todos, sem exceção de ninguém”<sup>179</sup>.

Enquanto as pessoas faziam o círculo ouvia-se a música de Zé Vicente, “Cantiga de Paz”, cuja se encontra na primeira página deste capítulo, que de acordo com Elísio, durante sua fala na dinâmica, diz muito sobre o mandato popular. Depois do grande círculo formado, participantes pré-selecionados entram no círculo e formam um novo círculo interno. Elísio coloca,

Existe uma grande diferença entre a política que nós queremos implantar hoje com a política que a gente vê com os nossos políticos... O Mandato Popular vem para quebrar tudo isso, toda essa política conservadora. Então neste momento do grande círculo em que estamos todos dados as mãos. Cada membro deste que está no centro (círculo interno), vai representar uma comunidade.<sup>180</sup>

---

<sup>178</sup> Extraído do Jornal Folha da Conceição da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de julho de 2002.

<sup>179</sup> Fala encontrada no vídeo do VIII Encontro da Juventude

<sup>180</sup> Fala encontrada no vídeo do VIII Encontro da Juventude

Elísio convoca as pessoas do círculo interno por nomes de bairros e da zona rural, a soltarem as mãos representando essas comunidades e representá-las em mine círculos, juntamente com pessoas que estavam no círculo maior.

O Mandato Popular tem uma característica fundamental em que o povo é o protagonista da história (emoção). E nós que sonhamos e que desejamos implantar isso em nosso município, ele vai funcionar desta forma: O representante parlamentar, que com certeza nós iremos colocar na Câmara Municipal, será nosso representante e cada comunidade vai se organizar desta forma, em núcleos. A zona rural vai se organizar em cada comunidade, os bairros irão se organizar na sua comunidade e vão ter um representante e esse representante é que vai articular toda comunidade para receber o representante do Mandato Popular e discutirem o problema de cada comunidade. O Mandato Popular vai funcionar em Riachão desta forma, totalmente contrário a política conservadora que existe e nosso município. Contrário ao que a gente está acostumado ver na Câmara Municipal. Nós jovens que estamos abraçando este projeto e de mãos dadas neste momento, não pode ficar só neste momento. Tem que dar as mãos e abraçar esse projeto, antes, durante e depois. Nós queremos que ele exista, nós queremos ser protagonistas desta nova história que vai surgir no nosso município<sup>181</sup>.

Após a fala de Elísio, entra um jovem com uma bandeja de pão para ser partilhado. Elísio chama os jovens que estão representando os bairros e a zona rural a distribuir os pães e a cada bairro chamado ele vai falando de sua necessidade. “o Ranchinho vai receber o pão que representa a pavimentação... A Barra o pão que representa a saúde... A Santa Mônica, o pão da inclusão social, visto ser um bairro excluído socialmente”... Passa-se novamente a música de Zé Vicente “Cantiga de paz” e Elísio conclui a dinâmica: “E nós vamos conseguir. Porque nós somos jovens e queremos, e podemos”. Após a dinâmica, Cláudia, jovem militante da Pastoral da Juventude em Salvador e assessora do deputado Yulo Oiticica, também membro da pastoral da juventude e eleito pelo projeto mandato popular como deputado estadual da Bahia, faz uma palestra onde fala de políticas públicas para a juventude e sobre a experiência do Mandato Popular do deputado Yulo Oiticica.

Seja no ápice da discussão política na PJ, nos primeiros passos do grupo jovem ou no início da década de 90, quando se consolidou a pastoral da Juventude em Riachão, as fontes atestam que a Pastoral da Juventude sempre foi um grande espaço educacional extramuros da escola,

Foi de fundamental importância. Esse aspecto educacional existiu desde o começo, não era a educação formal, no sentido de que o grupo foi pensado para esse fim, mas era o que acontecia na prática, na medida em que se

<sup>181</sup> Fala encontrada no vídeo do VIII Encontro da Juventude.

liam determinados textos e na medida em que se participava com outras pessoas, que trocavam ideias sobre os assuntos da vida, da vida pessoal, da vida familiar, da vida em sociedade. Então aquilo se tornou uma grande escola e eu creio que uma escola que me acrescentou muito mais conteúdos do ponto de vista prático sobre a vida, do que a escola em si, a escola formal, onde eu tinha iniciado os meus estudos. Então indiscutivelmente a PJ teve esse papel formativo, o papel de educação popular, de educação da juventude para a vida e para a vida em sociedade.<sup>182</sup>

Elísio Guimarães Carneiro<sup>183</sup>, diz que aprendeu muito com a pastoral da juventude e que “ficava a semana toda contando os dias para chegar os sábados” quando acontecia a reunião de grupos de base,

Eu não gostava muito de estudar, eu ia pra escola não perdia, gostava de lê e tal, não perturbava nas aulas, mas assim a minha educação ela melhorou muito depois da PJ e principalmente na questão familiar com meus pais, irmãos, nesta relação ela me ajudou muito. Porque tem temas que você não conversa dentro de casa e na PJ você conversava, principalmente sexo, e jovem gosta de falar sobre sexo. Acaba sendo um grande espaço de educação. Sabe, quem participa, quem participou né e isso a gente encontrava nessa parte educacional da PJ.<sup>184</sup>

Gildevam Souza Mendes<sup>185</sup> ratifica que a PJ pra ele foi “outra escola”. Em relação à relevância educacional Jucineide Costa Silva Santana<sup>186</sup>, responde entusiasmadamente:

A pastoral da juventude é imensurável, o que a pastoral fez na minha vida eu não tenho como medir. Se eu pudesse medir e se eu pudesse fazer transparecer tudo o que eu medir, eu faria isso numa grande faixa e passaria pra toda juventude do Brasil, do mundo, sei lá o que a pastoral da juventude foi capaz de fazer na minha vida e com certeza na vida de meus colegas, parceiros. Sem esquecer a grande amizade, é uma família. Uma vez pastoral da juventude, para sempre pastoral da juventude.<sup>187</sup>

A depoente traz ainda que a Pastoral da Juventude sempre teve um espírito empreendedor, em favor da justiça, no respeito à cultura e “acabou por formar pessoas para sempre”. Vital Martinho Carneiro de Oliveira<sup>188</sup> fala da importância da pastoral da Juventude no incentivo a leitura, “a gente tinha que estudar para assessorar, a gente aprendia a ser líder, a ouvir”, visto a fundamentação que muitos

<sup>182</sup> Entrevista concedida por José Avelange Oliveira Mota em 30/08/2013

<sup>183</sup> Idem, op. cit.

<sup>184</sup> Entrevista concedida em 26/08/2013

<sup>185</sup> Idem, op. cit.

<sup>186</sup> Idem, op. cit.

<sup>187</sup> Entrevista concedida em 24/08/2013

<sup>188</sup> Idem, op. cit.

buscavam para suas palestras e temas nas reuniões semanais. Marcos Edney Souza de Miranda<sup>189</sup> ratifica a ideia de Vital,

Eu entendo que foi uma fase que mim ajudou a crescer a nível humano, como também mim ajudou no nível escolar. Por quê? Porque ela instigava. Principalmente quando a gente passou a fazer parte da coordenação, a gente chegava a lê pra preparar a reunião e também não era de qualquer jeito você tinha que realmente lê para preparar aquela reunião e ela ajudou instigar a você a ler outras coisas. Não só o material que vinha.<sup>190</sup>

Marcos Edney Souza de Miranda<sup>191</sup> traz ainda que a PJ ajudou na sua formação regular, através do incentivo e olhar crítico. Luzia da Silva Oliveira<sup>192</sup> aponta que,

Foi a pastoral da juventude que mim ensinou, a saber, quais são os meus direitos, quais são os meus deveres como cidadã. A pastoral da juventude que mim ensinou a acreditar sempre no meu potencial, a valorizar cada vez mais a minha família. É a minha paixão.<sup>193</sup>

Luzia, conclui dizendo que onde estiver toda essa trajetória vai está presente.

E assim pôde se entender a história da Pastoral da Juventude, um processo que culminou em imensas dimensões na vida dos seus partícipes. Na visão de Elísio Guimarães Carneiro, “ela é uma fomentadora de sonhos”.

---

<sup>189</sup> Idem, op. cit.

<sup>190</sup> Idem, op. cit.

<sup>191</sup> Idem, op. cit.

<sup>192</sup> Idem, op. cit.

<sup>193</sup> Idem, op. cit.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto elaborado para realização desta pesquisa facilitou o percurso ao longo do trabalho. Porém, mesmo projetando e tendo participado da Pastoral da Juventude, por diversas vezes o novo, o desconhecido aparecia no processo e apontavam novos caminhos a serem trilhados. A emoção, a alegria, o saudosismo dos depoentes ao compartilharem suas histórias, o medo de alguns ao relembrar períodos tensos de conflitos internos com a paróquia, e também com o poder público municipal. Por mais que se coloque em palavras, não dá para transcrever estas reações humanas que permearam o desenvolver das entrevistas e o significado que estes momentos vividos na PJ tiveram, nas suas formações humanitárias e no desenvolver de suas consciências históricas.

É notório nas práticas da Pastoral da Juventude de Riachão do Jacuípe esta dimensão não formal da educação. É importante que a partir disso se perceba a contribuição que a história da PJ pode ter na construção de novas agendas dentro da perspectiva formal da educação. Além de fortalecer a identidade e aproximar os indivíduos da história local, direcionar este trabalho as escolas de Riachão do Jacuípe e as demais entidades formativas podem auxiliar os jovens de hoje a se perceberem enquanto sujeitos históricos, portanto, responsáveis pela realidade que os cercam.

Logo na introdução foi enfatizado a dificuldade de encontrar bibliografia que atendesse a demanda de caracterizar este campo da educação não formal, por ser uma área ainda em construção. Porém as leituras feitas de obras de autoria de Maria da Glória Gohn foram suficientes para perceber o quanto tais características são pertinentes e necessárias para obtermos sujeitos mais participativos nas decisões de interesse social e coletivo.

Por ser recente, pouco estudado aqui no Brasil, existe a lacuna na grade curricular das universidades que discuta tal conceito. Embora, estes ambientes estejam repletos de ações educativas não formais, visto os conselhos, os diretórios, movimentos estudantis e os próprios movimentos sociais empreendidos no interior destas instituições. Que este trabalho possa ser pensado na perspectiva de ampliar o debate dentro das universidades e atentar para uma educação que vise à

formação do “cidadão pleno”, preocupado com o bem estar social coletivo, com a justiça social, atuando como representantes da sociedade civil organizada.

Apesar de não ter estudado, nem mesmo lido nada sobre educação não formal, antecedente a pesquisa, no primeiro contato com os textos da autoria de Maria da Glória Gohn, percebi o conceito da autora e as práticas da Pastoral da Juventude se cruzarem.

Muito além do altar, da hóstia, da liturgia, dos dogmas da igreja, a Pastoral da Juventude aqui apresentada pelas fontes, trouxe no âmbito religioso um “Deus humano”, inserido nos diversos segmentos sociais. Há de se falar da luta pelo respeito às diferenças e pelo direito a inclusão.

No âmbito político, a PJ ousou denunciar os abusos do poder legislativo e executivo, anunciando propostas, como o grupo Cidadania em Ação, Fundação do Partido, Projeto Mandato Popular, dentre outros, além de promover campanhas de conscientização e ações beneficentes a comunidade. Todo esse trabalho realizado pela pastoral contribuiu para a conscientização e sensibilização política, social e religiosa das pessoas, respondendo a expectativa dessa pesquisa

A partir da década de 2000 com a conscientização política e a inserção de alguns membros na política partidária, além da falta de apoio de alguns padres que chegaram à paróquia, dentre outros motivos, muitos membros foram se afastando, os grupos de jovens mais antigos a exemplo do DDD, do SHALOM e do RABONY foram se diluindo. Ocasionalmente então a decadência do trabalho da Pastoral da Juventude local, aqui apresentado. Elementos que talvez em outra oportunidade seja estudado.

Graças à metodologia adotada neste trabalho, a micro história, foi possível estudar minuciosamente o protagonismo desses sujeitos que fizeram história. E é perceptível, diante da diversidade de informação das fontes, que há muita história pra ser contada, pra ser escrita. Por mais que tenha sido fiel as fontes, e tenha percebido a contribuição dada pela Pastoral da Juventude, há outras versões a serem ouvidas e trazidas ao diálogo.

No decorrer das entrevistas os depoentes iam sinalizando novas fontes, nomes de outras pessoas que passaram pela PJ e que deram suas contribuições. Como pôde ser observada a seleção dos depoentes se deu de modo heterogêneo, o que possibilitou diversos olhares, de pessoas que viveram em diferentes períodos na pastoral, mas que culminam, se encontram na concordância de que a Pastoral da

Juventude os educou para a vida. De modo geral, as fontes estiveram presentes como testemunhas de uma história que certamente “acabou por formar pessoas para sempre” como colocou Jucineide Costa Silva Santana.

Além disso, o trabalho trouxe a ideia de uma concepção ampla da educação que se desenvolve no “mundo da vida”, destacando a importância da participação como meio de transformação social. Que essa seja também uma preocupação primordial dos diversos setores que compõem a sociedade e comportam a educação formal, informal e não formal,

É preciso desenvolver saberes que orientem as práticas sociais, que construam novos valores, aqui entendidos como a participação de coletivos de pessoas diferentes com metas iguais. Isto tudo está no campo da educação não formal... Precisamos de uma nova educação que forme o cidadão para atuar nos dias de hoje, e transforme culturas políticas arcaicas, arraigadas, em culturas políticas transformadoras e emancipatórias. (GONH, 2006, p. 36 e 37)

Portanto, faço uso das palavras de GONH, quando diz que é preciso desenvolver saberes que orientem as práticas sociais, priorizando a participação coletiva e cidadãos atuantes. Elementos presentes na explanação sobre educação não formal e constante nas ações empreendidas pela Pastoral da Juventude.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. “**História Oral a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro. Editora FGV/CPDOC, 1990. p. 44-48.

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394. 5ª Edição. Brasília: Câmara dos deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DICK, Hilário. **O Caminho Se Faz**: história da Pastoral da Juventude do Brasil. Porto Alegre, IPJ 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **(re) introduzindo a História Oral no Brasil**: História Oral e Tempo Presente. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1987

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GADOTTI, Moacir. “Paulo Freire e a educação popular”. **Revista Trimestral de Debate da Fase**, 2007. Disponível em: <http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acevvo/1gadotti.pdf>. Acesso em 18/09/2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOHN, Maria da Glória. “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.” **Ensaio: avaliação política e pública da Educação**. Vol.14, 50, jan/mar, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 14/09/2013.

\_\_\_\_\_. “Movimentos sociais na Contemporaneidade”. In: **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPEd**. Caxambu (MG): ANPEd, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em 17/09/2013.

GONH, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTELLI, Alessandro “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**. nº 14, São Paulo: Educ, 1997. p. 26-39.

RÜSEN, JORN. **Jorn Russen e o ensino de história**. Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Resende Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SILVA, Marinélia. **Memórias em conflito ou Padre não deve se meter em política**. São Paulo: Editora Nelpa, 2010.

## **1 FONTES**

### **1.1 Fontes Orais**

Entrevista concedida por Anete Margarida de Oliveira, comerciante e proprietária de livraria, em 02/09/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Edney Cana Brasil dos Santos Oliveira, professora, em 02/09/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Elísio Guimarães Carneiro, marceneiro, empresário, em 26/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Gildevam Souza Mendes, funcionário público, em 26/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por José Avelange Oliveira Mota, professor e profissional em terapia holística, em 30/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Jucineide Costa Silva Santana, pedagoga, em 24/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Luzia da Silva Oliveira, funcionária pública, em 02/09/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Marcos Edney Souza de Miranda, funcionário público, em 31/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Roque Feliciano Santos, comerciário, em 31/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

Entrevista concedida por Vital Martinho Carneiro de Oliveira, funcionário público, em 27/08/2013. Riachão do Jacuípe-Ba.

### **1.2 Fontes escritas:**

Atas do grupo Jovem DDD (1986-1996)

Jornal Folha da Conceição- Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe (2001-2002)

Pasta de cronograma do CAJ (Curso de Aprofundamento para Jovens)

### **1.3 Vídeos**

Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe-Ba.

Vídeo: III Encontro da Pastoral da Juventude (1998).

Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe-Ba.

Vídeo: IV Encontro da Pastoral da Juventude (1999).

Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe-Ba.  
Vídeo: VIII Encontro da Pastoral da Juventude (2003).

## **ANEXOS**